



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
LINGUAGENS**

**ESTUDO ONOMASIOLÓGICO DO VOCABULÁRIO DA SEXUALIDADE EM
*FALARES AFRICANOS NA BAHIA: UM VOCABULÁRIO AFRO-BRASILEIRO***

Abilio Manuel Marques de Mendonça

Salvador

2013

ABILIO MANUEL MARQUES DE MENDONÇA

**Estudo Onomasiológico do Vocabulário da Sexualidade em Falares Africanos
na Bahia: *Um Vocabulário Afro-Brasileiro***

Dissertação apresentada para obtenção
do título de Mestre em Linguagens do
Programa de Pós-Graduação em Estudo
de Linguagens- PPGEL, linha de pesquisa
2 – Linguagem, Discurso e Sociedade
com ênfase no Estudo do Léxico.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Celina Márcia de Souza Abbade

Co-orientadora Prof^a. Dr^a. Yeda Antonina Pessoa de Castro

SALVADOR

2013

M539

Mendonça, Abílio Manuel Marques de

**Estudo Onomasiológico do Vocabulário da Sexualidade em
Falares Africanos na Bahia: *Um Vocabulário Afro-Brasileiro* / Abílio
Manuel Marques de Mendonça Salvador, 2012.**

89 f.:il

Orientadora: Prof^a Dr^a Celina Márcia de Souza Abbade

Coorientadora Prof^a Dr^a Yeda Pessoa de Castro



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
LINGUAGENS**

Dissertação intitulada *Estudo Onomasiológico do Vocabulário da Sexualidade em Falares Africanos na Bahia: um Vocabulário afro-brasileiro*, de autoria de Abílio Manuel Marques de Mendonça, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Dr^a. Celina Márcia de Souza Abbade
PPGEL/UNEB
Doutora em Letras
Universidade Federal da Bahia

Dr^a. Yeda Antonina Pessoa de Castro
NGEALC/PROEX- Co-Orientadora
Doutora em Línguas Africanas
Universidade Nacional do Zaire

Dr^a. Sônia Maria de Melo Queiroz
FALE/UMG
Doutora em Comunicação e Semiótica
PUC-SP

Dr^a. Maria da Conceição Reis Teixeira
PPGEL/UNEB
Doutora em Letras e Linguística
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

A Deus, por toda a força e sabedoria para seguir em frente e poder concluir mais uma etapa importante de minha vida.

À minha amada e inesquecível Maria de Lourdes Loureiro Marques de Mendonça, minha querida mãe que sempre colaborou para conseguir este título e por estar aqui neste mundo através de seu carinho e dedicação.

À Prof^a. Dr^a Celina Márcia de Souza Abbade pela dedicação durante a orientação da pesquisa, sobretudo por suas posturas carinhosas e exigentes, importantes na construção desta dissertação.

À Prof^a. Dr^a Yeda Antonina Pessoa de Castro também pela dedicação durante a orientação da pesquisa e por todo o ensinamento valioso transmitido, pela força e carinho, importantes para concluir este trabalho e vencer mais uma etapa em minha vida.

Ao grupo de Estudo NGEAALC por sempre estarem dispostos a ajudar e contribuir com o meu aprimore e deste trabalho. Em especial, Vera dos Santos, Amanaiara Miranda, Ivo de Jesus, Rosa Blanco, Ana Castro, Maria Eunice de Jesus, agradeço a todos de coração.

Ao amigo Cesar Costa Vitorino pelos ensinamentos de grande valor que puderam aprimorar-me e que jamais esquecerei sua dedicação e amizade,.

À amiga Hildete Santos Pita Costa pelo carinho e atenção prestadas e pela postura sempre incentivadora, de grande relevância para que eu pudesse concluir minhas pesquisas.

Ao amigo Felipe Coelho e a amiga Solange Araujo que muito contribuíram para a elaboração digital desta dissertação e sua boa vontade em ajudar-me no que foi preciso.

À amiga Dagmar Santana de Jesus que muito me ajudou na construção deste trabalho e em seu desenvolvimento, com seu carinho e dedicação que jamais esquecerei.

A todos os professores, amigos e colegas que contribuíram com o aprimoramento deste trabalho, importantes no meu crescimento pessoal. Mais uma etapa foi vencida e tenho certeza que todos estes tiveram um papel relevante, tanto para este trabalho, como para minha vida pessoal.

LISTA DE ABREVIATURAS

BA- falar corrente, regional e familiar da Bahia.

BR- português do Brasil.

Cf.- conferir.

FB- formação brasileira.

Fon- língua fon.

Kik.- kikongo.

Kimb.- kimbundo.

LP- linguagem popular da Bahia

LS- língua de santo, linguagem religiosa negroafricana.

Port.- português.

PS- povo de santo.

R- a letra “r” no final dos verbos no infinitivo.

Yor.- iorubá.

Var.- variante.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa da África	13
Figura 2- Mapa dos troncos linguísticos das línguas africanas	16
Figura 3- Mapa geográfico do grupo banto	18
Figura 4- Mapa geográfico do Oesteafricano	20
Figura 5- Fluxograma das origens das lexias negroafricanas	24
Figura 6- Percurso gerativo onomasiológico da enunciação	46
Figura 7- Percurso gerativo semasiológico da enunciação	47
Figura 8- Capa do livro <i>Falares Africanos na Bahia:um vocabulário afro-brasileiro</i>	63
Figura 9- Fluxograma das lexias negroafricanas referentes à sexualidades	67
Figura 10- Fluxograma das lexias negroafricanas referentes aos órgãos sexuais	68
Figura 11- Fluxograma das lexias negroafricanas referentes às funções sexuais	74
Figura 12- Fluxograma das lexias negroafricanas referentes aos gêneros	75
Figura 13- Fluxograma das lexias negroafricanas referentes às funções fisiológicas	77
Figura 14- Fluxograma das lexias negroafricanas referentes aos excrementos	80

RESUMO

O continente africano possui uma variedade enorme de culturas, diversidades étnicas e linguísticas, com cerca de duas mil e trinta línguas. Entre essas línguas, se destacam, pelo fato de influenciarem linguisticamente o falar brasileiro, as línguas dos grupos *banto*, *kwa* e *iorubóide*. Muitas lexias oriundas destas línguas foram incorporadas ao português do Brasil durante o período da escravidão e terminaram sendo apropriadas em uma soma de palavras que compõem o léxico da língua falada no Brasil, herança viva da África que deixou nela seu rico legado. Como a língua impõe sua existência material, determina o que somos, a maneira peculiar de nos expressarmos e os conteúdos do vocabulário pessoal, as palavras de origem negroafricana representam falares, comportamentos e compõem o léxico do português do Brasil. Importantes vinculadores destes empréstimos são as Casas de Terreiro. A língua do povo de santo funciona mais como um veículo de expressão simbólica do que propriamente de competência linguística. Seu sistema lexical é de base negroafricana e está relacionado ao universo dos recintos sagrados. As línguas de santo e a linguagem do povo de santo interferiram no português do Brasil, deixando suas lexias, assim como o português europeu modificou as formas lexicais de língua de santo, pois seus empréstimos adaptaram-se às regras desta modalidade de português. Muitas dessas lexias são relacionadas à sexualidade e foram registradas por Castro (2001). Selecionamos essas lexias nesta obra em um estudo onomasiológico, partindo da denominação, para chegar às lexias negroafricanas.

Palavras-chaves: 1. Línguas negroafricanas; 2. Léxico; 3. Sexualidade.

ABSTRACT

The African continent has a huge variety of cultures, ethnic groups and more than two thousand languages. Among these languages, those belonging to the Bantu, Kwa and Yoruboid groups stand out because they have most influenced the Brazilian speech. Many of its lexes were incorporated into the Brazilian Portuguese during the slavery period and ended up composing the lexicon of the language spoken in Brazil, living heritage of Africa, its rich legacy. As language imposes its material existence, determines who we are, the singular way of expressing ourselves and the contents of personal vocabulary, words of black African origin represent manners of speaking and behaviors that diverted the Portuguese in Brazil from that in Portugal. Major conveyors of these lexes are the Terreiros which preserve a ritual language, based on a black African lexical system, related to the universe of sacred sites, but now modified by the Portuguese. Many of these are related to sexuality lexes and were recorded by Castro (2001) in the work *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, which we chose as the object of our study from an onomasiological point of view of.

Key words: 1. Black African languages; 2. Lexicon; 3. Sexuality

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LÍNGUAS E DIALETOS AFRICANOS: UM MOSAÍCO LINGUÍSTICO	13
2.1 CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS AFRICANAS	16
2.2 AS LÍNGUAS DO GRUPO BANTO	18
2.3. AS LINGUAS DO GRUPO OESTEAFRICANO	20
2.3.1 Famílias de línguas kwa	22
2.3.2 Grupo iorubóide	23
2.4 VOCABULÁRIO NEGROAFRICANO NO PORTUGUÊS DO BRASIL	24
2.5 VARIAÇÕES SOCIO-CULTURAIS DE LINGUAGEM	27
3 OS ESTUDOS LEXICAIS	34
3.1 LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE	38
3.2 AS CIÊNCIAS LEXICOLÓGICAS	41
3.2.1 A onomasiologia	44
3.2.2 As relações de sentido	48
4 O VOCABULÁRIO DA SEXUALIDADE	55
4.1 A CONTRIBUIÇÃO NEGROAFRICANA	55
4.2 VOCABULÁRIO DA SEXUALIDADE	60
4.3 O CORPUS DE BASE	63
5 ESTUDO ONOMASIOLÓGICO DAS LEXIAS REFERENTES À SEXUALIDADE	67
5.1 ÓRGÃOS SEXUAIS	68
5.2 FUNÇÕES SEXUAIS	74
5.3 GÊNERO	75
5.4 FUNÇÕES FISIOLÓGICAS	77
5.5 EXCREMENTOS	80
.	
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	85

1 INTRODUÇÃO

A língua é o reflexo e o veículo de comunicação entre membros de uma comunidade. Em uma língua estrangeira não se pode transmitir fielmente a cultura de outra. Na língua portuguesa do Brasil, existem muitos africanismos atestados. Uma parte da cultura brasileira tem influência africana nos traços lingüísticos e culturais tornando estes traços possuidores de elementos em comum.

Fazer pesquisas sobre as línguas negroafricanas é contribuir diretamente com a valorização das culturas locais, concebendo um melhor conhecimento de suas comunidades. O Brasil possui um potencial muito grande para a pesquisa dessas línguas, importante para o seu futuro como uma forma de dignidade do seu povo, sem que haja exclusão. Não se trata simplesmente de fazer o levantamento lexical, mas sim de perceber nas línguas toda sua riqueza histórica e cultural.

Por ter uma importância muito grande no resgate da cultura, o levantamento lexical das palavras negroafricanas é de grande relevância para a sociedade brasileira, pois através do vocabulário de um povo resgata-se suas raízes culturais.

Através deste levantamento lexical, acredita-se que muitos dos membros da comunidade brasileira poderão reconhecer a herança vocabular negroafricana deixada por vários séculos e que durante muito tempo sofreu tentativa de apagamento e esquecimento.

Este trabalho pretende contribuir com as investigações linguísticas e culturais e tem como finalidade a seleção de lexias negroafricanas¹ relacionadas à sexualidade utilizadas na linguagem popular do Brasil e nas Casas de Candomblé, sendo que muitas delas equivocadamente tidas como de origem portuguesa.

O levantamento lexical foi realizado de acordo com a ordenação de conceitos relacionados à sexualidade. Ele teve, como ciência auxiliadora desta pesquisa, a Lexicologia, embasada na Onomasiologia. A escolha dos estudos onomasiológicos se justifica porque estas lexias são de origem negroafricana e compõem o vocabulário referente à sexualidade, inseridas ou não no português do Brasil.

¹ Lexias negroafricanas são aquelas oriundas de línguas da África subsaariana que contribuíram na formação do português do Brasil.

As lexias referentes à sexualidade, encontradas na obra de Castro (2001), foram elencadas conforme sua família linguística, a fim de definir sua origem, pois identificando a língua em que se originou a lexia, pode-se verificar caracteres peculiares da cultura local. Essas famílias selecionadas foram as que, segundo Castro (1983), mais colaboraram com a formação lexical do português do Brasil. São elas: as famílias do grupo *banto* e as localizadas no oesteafricano, as do grupo *kwa* e *iorubóide*.

As lexias negroafricanas de base deste trabalho foram retiradas do livro *Falares Africanos da Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* (CASTRO, 2001), relacionadas à sexualidade e agrupadas a partir do estudo onomasiológico, subdividindo-as em: **órgãos sexuais, funções sexuais, gênero, funções fisiológicas e excrementos**. As lexias que nomeiam as línguas negroafricanas referidas neste trabalho estão escritas em itálico.

A estrutura da dissertação intitulada *Estudo onomasiológico do vocabulário da sexualidade em Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* é composta da introdução, quatro seções e as considerações finais.

Na primeira seção, *Línguas e dialetos africanos: um mosaíco linguístico*, abordaremos línguas negroafricanas localizadas na África subsaariana e no oesteafricano e suas ligações com o português do Brasil. Nesta seção, tratamos da classificação das línguas africanas, a relação entre línguas e dialetos, a distribuição das línguas subsaarianas e do oesteafricano no Brasil, os níveis socioculturais de linguagem e a tipologia das lexias negroafricanas.

Na segunda seção, intitulada de *Os estudos lexicais*, fizemos um paralelo entre as relações da linguagem/língua, sociedade/cultura e léxico, abordamos as ciências lexicológicas, nos detendo na Onomasiologia, por ser a base de nossos estudos, e terminamos falando brevemente das relações de sentido entre as lexias negroafricanas.

Na terceira seção, *O vocabulário da sexualidade*, apresentamos a contribuição negroafricana, abordamos o vocabulário da sexualidade e apresentamos o *corpus* de base: *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-*

brasileiro (CASTRO, 2001). Além de apresentá-lo, fizemos algumas observações morfosintáticas sobre as lexias.

Na quarta seção, o estudo onomasiológico das lexias referentes à *sexualidade*, apresentamos as lexias referentes à sexualidade de acordo com o estudo onomasiológico.

Por fim, nas considerações finais, abordamos o número de lexias negroafricanas encontradas, suas origens, a contribuição lexical negroafricana referente à sexualidade e a importância dos estudos lexicais neste campo de estudos.

2 LÍNGUAS E DIALETOS AFRICANOS: UM MOSAICO LINGUÍSTICO



Figura 1- Mapa da África²

O continente africano possui uma variedade enorme de culturas, diversidades étnicas e linguísticas com várias línguas. Segundo Munanga (2009), contam-se cerca de oitocentos a duas mil línguas na África. Este número é questionado por Heine e Nurse (2000), relatando haver bem mais línguas do que duas mil e trinta e cinco, pois algumas delas estão sendo descobertas e muitas não são consideradas como línguas, mas sim, como dialetos.

Há uma série de discussões em relação às definições de língua e dialeto. Segundo Heine e Nurse (2000), a língua é frequentemente definida como aquela

² Disponível em: <http://misoafricapt.wordpress.com/2012/03/19/mapa-atualizado-da-africa-2012>. Acesso em 28 jan 2013.

que tem um status nacional, possui uma modalidade escrita, uma forma padrão de uma variedade de fala, não sendo inteligível para membros de outras línguas e tem um número relativamente grande de pessoas falantes nativas. Ao contrário, dialetos são locais, não são escritos, não possuem uma forma padrão, podem ser mutuamente inteligíveis e têm poucas pessoas falantes.

Alguns especialistas discordam deste conceito. Bizzocchi (2006) afirma que do ponto de vista linguístico, não há nada que distinga língua de dialeto. Ambos os sistemas têm léxico e gramática. Segundo este autor, dialeto vem etimologicamente do grego *diálektos*, composto de *dia* 'através', e *léktos*, 'fala'. Seria uma espécie de fala *atravessada*, um linguajar defeituoso, não conforme com as normas de fala estabelecidas pelos gramáticos. A primeira definição de dialeto, que, por sinal, teria inspirado as posteriores, baseava-se numa visão preconceituosa que a elite ateniense do período clássico tinha em relação à fala, tanto das camadas populares, quanto dos estrangeiros, ou seja, os não-atenienses, inclusive gregos de cidades vizinhas.

Especialistas em línguas africanas como Kwesi Kwa Prah (2000) discutem a linha tênue entre dialeto e língua em seus trabalhos, chegando à conclusão de que muitas línguas são eleitas como dialetos por questões políticas e sociais. Através da língua, a memória coletiva de um povo é veiculada, assim como a confiança "para exprimirmos à vontade, tornamo-nos, também, mais capacitados para transmitir os conhecimentos e valores culturais de cada região às novas gerações" (PRAH, 2013, p.1). O autor defende a tese de estudar as línguas nacionais como forma de conhecer o passado e preservar seu aspecto peculiar que diferencia cada grupo de falantes.

Além de Prah (2011), outros especialistas como Maniacky (2010) e Heine e Nurse (2000) concordam que a forma padrão usada como língua nacional ou oficial, é a única forma escrita de língua aceita. A língua nacional ou oficial é usada por milhões de pessoas, seja ela como primeira ou segunda língua.

As diferenças linguísticas compõem o vocabulário peculiar de cada região, revelando a pluralidade linguística e cultural de cada cidade, estado ou país. Os falantes de determinada língua convivem com essas diferenças em uma soma de possibilidades.

Países do norte da África, como a Somália, têm poucas línguas, ao contrário do que acontece na Nigéria, que possui cerca de quinhentas línguas. Segundo Castro (2003²), na África, essa heterogeneidade linguístico-cultural é alvo de debate. Alega-se que as línguas indígenas desempenham um potencial divisionista pelo seu caráter pluricultural e plurilinguístico. Para resolver essa situação, promove-se, através do predomínio de políticas exoglóssicas, a língua do ex-colonizador de origem europeia, no caso o português, o francês ou o inglês, como língua de integração nacional. Um dos motivos apontados é que estas línguas são socioculturalmente neutras, não são línguas primárias da África, são globalizadas e faladas por outros países.

Além dessas ideias de natureza política, há também a ideologia colonialista de inferioridade das línguas africanas, resquícios da era colonialista que via tudo de origem africana como inferior, sem importância, supervalorizando as culturas e línguas europeias e agindo com estigmatização com línguas de base africana.

Sob o ponto de vista linguístico, não existem línguas superiores ou inferiores, todas as línguas são complexas e servem de instrumentos adequados para a comunicação. Cada grupo social se organiza socialmente, culturalmente e linguisticamente, produzindo, incorporando e modificando seu léxico de acordo com suas necessidades linguísticas para expressar a sua realidade e interagir melhor.

Labov (1972) afirma que, conforme as necessidades linguísticas, o repertório lexical pode sofrer modificações nos seus signos linguísticos, sem que haja indícios de superioridade ou inferioridade naquele grupo de indivíduos ou de sua língua. As questões de classificação em superior ou inferior são mais de ordem política do que social.

São necessárias, segundo Castro (1980), medidas políticas a fim de se evitar um glotocídio, o desaparecimento de línguas indígenas, da expressão da cultura e identidade dos seus falantes. A oficialização sem nacionalização das línguas europeias da era colonial e nacionalização sem oficialização das línguas indígenas também são problemas que preocupam os especialistas e reduzem todas as outras línguas faladas por milhões de falantes, geralmente, com uma literatura escrita rica ao *status* de dialetos locais. Em certos casos, nenhuma variedade ou muitas variedades são escritas ou ainda, em alguns outros casos, os falantes não

concordam com a variedade padrão ou aquela que deveria ser a de uma língua nacional.

2.1 CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS AFRICANAS



Figura 2- Mapa dos troncos linguísticos das línguas africanas (HEINE E NURSE, 2000, p. 2)

Segundo Castro (1983), existem cerca de 2.000 subdivisões e quatro grandes filios, agrupamentos de seres humanos. Greenberg (1955) agrupou essas línguas em quatro famílias linguísticas: afro-asiática, nilo-saariana, koissã e niger-congo. A Níger Congo é subdividida em Níger Congo A e Níger Congo B. A família Austronesiana é falada em Madagascar, não sendo considerada por Castro (2001) e por Heine e Nurse (2000) como línguas africanas por serem de origem asiática.

A família afro-asiática, antes chamada de hamito-semítica, possui trezentos e setenta e uma línguas, com mais de 20 milhões de falantes (CASTRO, 2001). Como o nome sugere, essas línguas foram introduzidas pelas invasões islâmicas na África

do Norte no século VII. Inclui as línguas do grupo semítico, cuxítico, chádico e bebere. Esta última falada pelos nômades de origem camita do Norte da África e grandes regiões desérticas. A língua árabe se destaca nesta região por ser estudada em todo o mundo islâmico e por ser a língua sagrada do Corão (CASTRO, 2003₁). Estas línguas, segundo Mello e Souza (2008), vieram da mistura de povos locais e das levas dos migrantes do Oriente Médio que se espalharam pela costa e pelo interior do continente.

As línguas da família nilo-saariana são cerca de cento e oitenta e seis com trinta milhões de indivíduos. São faladas em países banhados pelo rio Nilo, como o Sudão, Etiópia, Quênia, Tanzânia e Uganda. O povo que vivia nesta região, segundo Ello e Souza (2008), eram nômades do Saara e Sael. Muitos destes povos se converteram ao islamismo.

A família koissã tem cinquenta línguas, cada qual com aproximadamente mil falantes. São consideradas as línguas mais antigas da África Meridional, com cerca de oito mil anos. São faladas na Namíbia, Botsuana, Angola e África do Sul. São codificadas com uma linguagem de *cliques*³ (CASTRO, 2001). Segundo Mello e Souza (2008), estes povos reúnem os povos Khoi-Khoi, antigos hotentotes, e os Sã, os bosquímanos. Eles eram caçadores e coletores que não se misturaram aos do grupo banto, na época da expansão deste grupo pelo continente africano, refugiando-se no deserto de Kalahari.

As línguas da família niger-congo têm cerca de mil quatrocentos e trinta e seis línguas, com mais de trezentos milhões de falantes concentrados geograficamente na África subsaariana e ao longo do Oesteafricano. Segundo Greenberg (1966), é a maior família linguística da África. Slenes (2008) diz que essa família influenciou bastante o léxico do português brasileiro nos séculos XVI ao XIX, em especial as línguas do grupo banto que compreendem as línguas concentradas na África subssariana. No oesteafricano, diferente da região subssariana que compreende um único grupo, existem mais de mil grupos. Desses grupos, abordaremos aqui apenas dois deles: o grupo kwa e o *ioroboide* que são registrados no vocabulário do *corpus* de base.

³ Sons estalidos peculiares a essa língua, não encontrados em nenhuma outra língua.

2.2 AS LÍNGUAS DO GRUPO BANTO



Figura 3- Mapa geográfico da África subsaariana- grupo banto⁴

Segundo Melo e Souza (2008), a população do grupo banto vivia e vive na região do rio Congo, falando línguas semelhantes. Esta população teria partido de Camarões e se espalhado por toda a África Central, Oriental e do Sul. Essa movimentação fez com que mais da metade do continente fosse povoado por povos falantes do grupo das línguas banto.

Este grupo está situado na África Central, Oriental e Meridional, conhecida como África subsaariana e compõe os seguintes países: República Centro-Africana, Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo Kinshasa), Zâmbia, Burundi, Ruanda, Uganda, Quênia, Malawi, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique, África do Sul (MELLO E SOUZA, 2008).

⁴ Disponível em: http://www.africaniasc.uneb.br/pdfs/ac_03_castro.pdf. Acesso em 30 abr 2013. Imagem editada por Felipe Coelho.

A lexia *banto* é o plural de *mntu*, que significam *peçoas, gente*, composto do prefixo *ba*, que determina o plural, e o radical *ntu*, *peçoas*. Essa lexia designa “um complexo de sociedades de etnias que têm culturas diferentes, porém falam as línguas que pertencem à mesma subfamília” (MUNANGA, 2009). O povo banto é conhecido por congos e angolas no Brasil, por serem procedentes dos reinos do Congo e de Angola. São de várias etnias e línguas oriundas abaixo da Linha do Equador. Os três povos que mais se destacaram pelo número de indivíduos trazidos na época colonial foram os bacongos, ambundos e os ovimbundos (CASTRO, 2001).

Os bacongos são falantes da língua *quicongo*, atualmente no sul do Congo-Brazzaville indo até o Gabão, sudoeste do Congo-Kinshasa e noroeste de Angola, em Cabinda, Zaire e Uíge. O *quicongo* é a língua nacional do Congo-Brazzaville, Congo-Kinshasa e Angola.

Os ambundos são povos falantes da língua *quimbundo*, na região central de Angola⁵, entre Luanda, Malanje, Bengo e Cuanza Norte até Ambriz. Esses povos têm uma grande relevância para a constituição histórica do povo brasileiro, pois foram trazidos em grande número dessa região através do tráfico de escravizados no século XVII após o declínio do reino do Congo.

Os ovimbundos estão localizados nas províncias de Bié, Huambo e Benguela, no sul de Angola. São falantes da língua *umbundo*. Nesta língua, há a presença do prefixo *o-*, que os bantuistas chamam de *umento*. Este inicia a palavra *ovimbundo*. Há registros históricos deste povo no Congo-Kinshasa, Congo-Brazzaville e em Angola. Segundo Queiroz (1998), esse prefixo sobrevive em certos lexemas em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

No Congo-Brazzaville e no Congo-Kinshasa também foram registrados os povos Anjico ou Batequê (margem direita do rio Congo) e, em Angola, os Monjolo (sudoeste), os povos Libolo ou Rebolo (noroeste), Jaga (região central), Quioco⁶ e

⁵ O termo Angola vem de *ngola*, que significa o divino. Era um título atribuído aos soberanos deste povo.

⁶ Esta região fica nas províncias de Luanda, em territórios que se encontrava a personagem das manifestações populares de congadas e grande líder feminina, admirada pela sua sabedoria e coragem, a rainha Jinga, do reino Matamba.

Ganguela (sudeste) e Balundo (região central de Angola, parte ocidental de Gabão e Camarões).

O povo do grupo banto de Moçambique possui números menos expressivos no Brasil. A razão provável talvez seja a distância do percurso marítimo, tornando o tráfico menos rentável do que na costa atlântica, principalmente no nordeste do Brasil.

2.2 AS LÍNGUAS DO OESTEAFRICANO

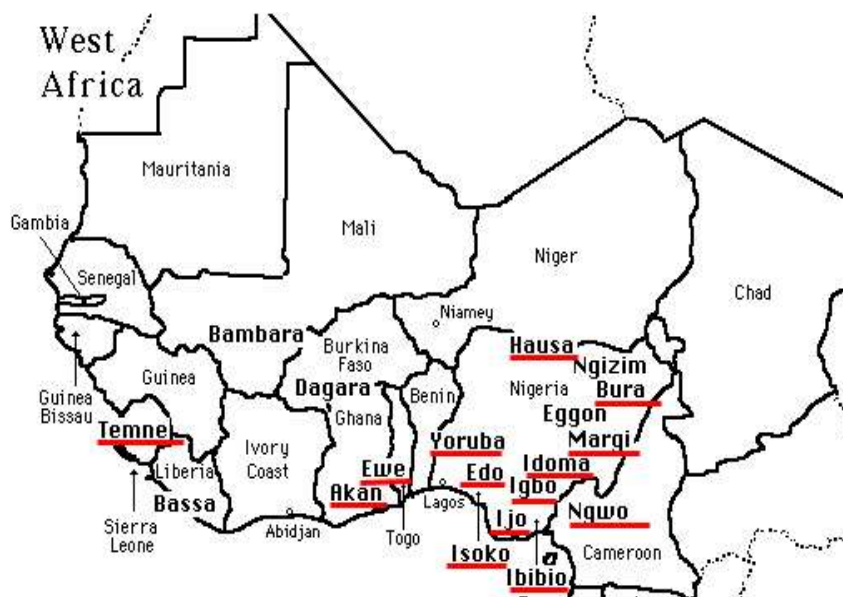


Figura 4- Mapa geográfico do Oeste Africano.⁷

A África Ocidental, ou Oeste da África, é banhada pelo Oceano Atlântico, faz fronteira com a África do Norte e a Central. Inclui alguns países na costa oriental que partilham a parte ocidental do deserto do Saara. É uma região densamente povoada. Possui um grande número de línguas tipologicamente muito diferenciadas.

Seus territórios estão localizados ao longo da costa atlântica ocidental africana localizando-se do Senegal até o Golfo de Benim, na Nigéria e engloba os

⁷ Disponível em: <http://misoafricapt.wordpress.com/2012/03/19/mapa-atualizado-da-africa-2012>. Acesso em 28 jan 2013.

seguintes países: Mauritânia, Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné-Conacri, Serra Leoa, Libéria, Camarões, República Centro-Africana, Togo, Costa do Marfim, Gana, Benim e Nigéria.

Dentre esses países, Gana, Togo, Benim e Nigéria merecem destaque pela importância de sua contribuição linguística e social para o Brasil. No final do século XVII, foram trazidos para o Brasil milhares de negroafricanos destes locais, em uma soma de falares, com seus léxicos e dados culturais que contribuíram para a formação da língua portuguesa no Brasil. Foram levados principalmente para o Recôncavo da Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, São Luis do Maranhão e Rio de Janeiro (CASTRO, 2001).

Uma das línguas que mais se destacam no oeste africano e que pertence também à família afro-asiática é a *hauçá*, denominação também do povo que a fala, possuindo mais de vinte milhões de falantes. É falada na maioria dos países da região nordeste do continente tais como a Nigéria e a África Ocidental, especialmente no Benim, Togo e Gana, até a África do Norte. Tem grande importância na formação cultural e linguística do português do Brasil, pois muitos falantes negroafricanos foram trasladados em grande número para a Cidade do Salvador nas primeiras décadas do século XIX. Concentraram-se em trabalhos domésticos e serviços urbanos, numa condição que lhes permitiu criar oportunidades para que pudessem promover sucessivas revoltas. A última e mais importante foi a de 1835, conhecida como Revolta dos Malês (REIS, 1988).

Segundo Castro (2001), o Atlântico Ocidental africano compreende os seguintes países: Guiné-Bissau, Senegal, Gâmbia, Serra Leoa, Mauritânia. Nestes países, falam-se diversas línguas, dentre elas, *balante*, *manjaco*, *pepel*, *biafada*, *uolofe*, *diolá*, *serere*, *teme*, *fulani* ou *fulbe*.

O grupo de línguas *mandê* recebeu outras denominações como *mandingo*, *soninquê*, *bamara*. São faladas em uma vasta área que vai do norte do Senegal ao sul da Costa do Marfim.

O *voltaico*, também cognominado de *gur*, possui duas subdivisões: *grunce*, língua distinta falada no norte de Gana e Burquina-Fasso, atestada por Nina

Rodrigues (RODRIGUES, 2008) na cidade do Salvador, ao final do século XIX, e *mossi*, falada em Burquina-Fasso (antigo Alto Volta) e norte de Gana.

O *Nilo-Saariano* se subdivide em *canure*, falada por povos islamizados no norte da Nigéria e do Togo, nas vizinhanças dos *nupes*, *hauçás* e *bariba*. O *kru* é um grupo isolado, falado na Libéria pelo *krumans* (CASTRO, 2001).

Dentre as famílias linguísticas desta região, a *kwa* e a *iorubóide* foram as mais significativas, destacando-se pela superioridade numérica do seu povo em solo brasileiro em relação aos demais do oeste africano.

Enfim, tanto as famílias de línguas *kwa* quanto as do grupo *iorubóide*, trouxeram grandes contribuições linguísticas ao português do Brasil. Das línguas do Oesteafricano, são essas famílias que compõem o *corpus* de base deste trabalho. Diante do exposto, apresentaremos mais detalhadamente essas famílias linguísticas.

2.2.1 Famílias de línguas kwa

Segundo Castro (2001), a lexia *kwa* significa homem em muitas dessas línguas faladas na parte oriental da Costa do Marfim, sudeste de Gana, Togo, Benim, ao longo dos portos de Alada, Anexo, Uidá, Cotonu, Badagri.

As línguas do grupo *kwa* que mais contribuíram com a formação do sistema lexical brasileiro foram as do grupo *ewe-fon*. Estas têm como característica um sistema tritonal, constituídas de sete vogais orais e as nasais correspondentes, onde a distinção fonêmica de comprimento não é relevante. Não possuem gênero gramatical, nem derivados verbais. Sua estrutura silábica básica é consoante-vogal.

O grupo *ewe-fon* ou *gbe* tem cerca de dez milhões de falantes com um conjunto de línguas assemelhadas entre si. São faladas em países que possuem grande importância para a formação cultural e linguística do português brasileiro, que são Gana, Togo e Benim. Estes falantes receberam muitos nomes pelo tráfico de negros africanos no período escravista: *jejes*, *minas*, *ardras* ou *aladás*, *machis*,

mundubis, savalus, anexôs, pedás. O grupo ewe-fon possui cinco línguas principais: *ewe, mina, fon, gun e mahi*.

A língua *ewe* é falada no sul do Togo, na capital Lomé, estendendo-se pelos territórios limítrofes do sudoeste de Gana e sudeste de Benim. Seu povo e a região onde se concentram são chamados de povo pelos iorubás. *Mina* tem outras denominações, como *guen* ou *anexo* e é falada na região de Anexô, entre Lomé, capital do Togo e Uidá no Benim. *Fon* ou *fongbe* é também usada como linguagem litúrgica em candomblés. Falada no Abomé, capital do antigo reino do Daomé, a língua *gun* é falada no cone sudeste do Benim, correspondente ao antigo reino de Porto Novo, cidade principal e capital administrativa do país (CASTRO, 2001).

Outros subgrupos de línguas desta mesma família, provenientes da Nigéria na última fase do tráfico, se destacam: *nupe, bini, ibô, calabari*. *Nupe* é um grupo de línguas falado por povos dos estados de Ilórin e Níger, ao norte dos iorubás. *Bini*, também conhecido como *edô*, recebeu este nome oriundo da língua de seu povo, que se encontra no estado de Benim, nos limites entre povos iorubás e os ibôs. *Ibô* é uma das três línguas majoritárias da Nigéria. *Calabari*, falada no sudeste, é um falar regional da língua *ijó*.

Outros dois grupos desta mesma família, mas em número relativamente menor, são *gã* e *akan*. *Gã* é uma língua falada em Gana, na sua capital, Acra, e sudeste do país, na fronteira atual com Togo, onde os portugueses edificaram o Forte de São Jorge de Mina, centro receptor e controlador do tráfico na Baía de Benim nos séculos XVI e XVII. *Akan*, grupo de línguas, entre elas, *twi-fante*, na região e costa sudoeste de Gana, faladas por fantes, axantes gronjas ou gronjas e Baulê, da Costa do Marfim (CASTRO, 2001).

2.3.2 Grupo iorubóide

O grupo iorubóide é formado pela língua *iorubá* e suas variantes. O *iorubá* constitui-se de muitas variantes regionais, pouco diferenciadas e concentradas nos territórios limítrofes entre a Nigéria Ocidental (*egbás, oiós, ijexás,*

ijebeus, ifés, ondos, ibadãs, oxobôs) e o Reino de Queto, no Benim oriental. Seus falantes receberam no Brasil denominações diferentes como *nagô*, lexia oriunda do termo *ànágó*, denominação dada pelos seus vizinhos africanos. Seus falantes foram trazidos no século XIX em grande número para a Bahia, já na última fase do tráfico transatlântico em razão das guerras interétnicas que culminaram com a destruição do Império de Oió. Concentraram-se principalmente em trabalhos urbanos e domésticos na cidade do Salvador, contribuindo para o léxico litúrgico de base negroafricana. Muitas palavras do léxico de povo de santo como *orixá*, *ebó*, dentre outras que são usadas também na linguagem popular brasileira, advêm desta língua. É uma língua que possui também a modalidade escrita e é a mais estudada no Brasil.

Enfim, organizamos as lexias relativas à sexualidade apresentadas e estudadas nesta dissertação, distribuídas nos seus respectivos grupos linguísticos:

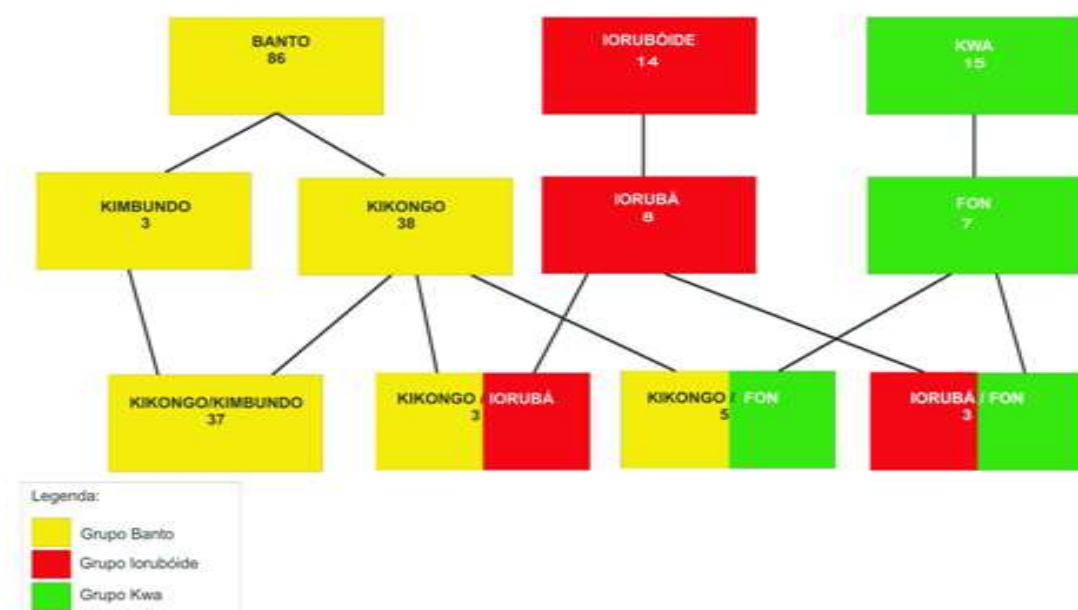


Figura 5- Fluxograma das origens das lexias negroafricanas⁸

2.4 VOCABULÁRIO NEGROAFRICANO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

⁸ Edição Felipe Coelho e Abílio de Mendonça.

Neste trabalho, apresentam-se algumas das palavras das línguas negroafricanas que foram incorporadas ao português do Brasil durante o período da escravidão e que terminaram sendo apropriadas pela língua portuguesa. As lexias tomadas como *corpus* de base foram retiradas do vocabulário existente na obra *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* (CASTRO, 2001).

Segundo Castro (2001), existem muitas formas de um vocabulário interferir em outro. Um desses casos é a prefixação. Castro (2001) mostra que podemos encontrar nas lexias negroafricanas que chegaram à língua portuguesa, todo tipo de derivação de acordo com a formação portuguesa, tais como: nominal (dendezeiro; pamba-branca; muqueca-de-peixe), adjetival (samba+ista), verbal (des+bundar; en+quizila+r)) e adverbial (en+cabula+da+mente). Em seus radicais, podem-se também acrescentar morfemas de número /-s/ e de gênero /-a/, assim como sufixos e prefixos. Quanto àquelas de origem inglesa, pelo fato do prestígio que gozam em relação às demais no Brasil, elas começam a formar casos de lexias com um elemento africano, dando lugar a uma nova palavra com morfemas e estrutura morfossintática exatamente como na língua inglesa. Exemplo disto é a lexia “axé-music” referente a um tipo de ritmo musical de raízes africanas criado na Bahia nos anos 80.

Os aportes também existem na aproximação morfossintática, na contaminação fonossêmica com palavras da língua portuguesa e na extensão de significado.

Segundo Vilela (1995), os aportes entram em uma língua através do constante relacionamento entre línguas. São divergentes as formas como eles entram na língua. Alguns sofrem modificações morfológicas, como é o caso de *leader*, que foi assimilado como *líder*. Alguns são assimilados de forma total, sem mudança na sua estrutura morfológica, como exemplo nosso, a palavra inglesa *flash* que é utilizada no Brasil com esta mesma forma na escrita e na fala. Alguns aportes são assimilados da forma originária, como exemplo, as palavras *bar* e *equipe*. Outros são adaptados foneticamente e graficamente, como exemplo, o substantivo *blog* que originou a palavra *blogar* em português. Outros decalcam semanticamente, como exemplo, a palavra *investir* que adquiriu um novo significado no português.

Outros decalcam traduzindo a palavra original, como exemplo, a palavra *skyscraper* que resultou em português *arranha-céu*.

Na aproximação morfossintática, há uma categorização de número plural dos substantivos assinalada pelos artigos em português. Sua posição antecede sempre o substantivo, verossímil aos prefixos classificatórios de plural e singular em banto. Também há uma redução e simplificação das flexões verbais em português, observada na fala de iletrados (CASTRO, 2001).

Na contaminação fonossemântica, as lexias negroafricanas sofrem mutação ou surge uma variante por aparentar-se com lexias de origem portuguesa, tais como a lexia do grupo banto *Pombajira* em *Pomba-Gira* ou a lexia iorubá *Xangô-Dioro* em *Xangô-de-o(u)ro*. Nota-se uma semelhança sonora entre o morfema africano *jira* e a palavra *gira* do português, assim como *dioro* e *de-ouro*.

Pode-se até mesmo traduzir termos próprios de línguas negroafricanas como *Aquirijebó*, do iorubá, o carregador de *ebó* em *coruja-de-ebó*. Neste caso, há uma metonímia, uma comparação mental, pois a coruja é um animal noctívago, considerado agourento e o *ebó* (a oferenda) é sempre levado para as ruas tarde da noite quando estas desertas.

Na extensão de significado, a lexia também pode estar na qualidade de adjetivo ou sendo modificada por constituintes em português. Existe uma abóbora na África com o nome de *moranga*, a qual é chamada no Brasil de *abóbora-moranga*, oriunda de uma base negroafricana.

Tomando como base a análise etimológica, os termos de línguas negroafricanas podem ser assimilados pelo português e serem classificados em convergentes e divergentes.

Na convergente, as lexias provêm de étimos diferentes, embora possuam a mesma estrutura morfofonológica, por várias razões, entre outras, o desaparecimento dos tons distintivos dos lexemas africanos e da simplificação de palavras compostas em formas simples que não podem ser analisadas em português quanto à sua ligação semântica. Como exemplo, apresentamos a palavra *descabaçar*, em que o *des* é um morfema de origem portuguesa que indica oposição, com a palavra de origem banto *cabaço*.

Na divergente, o significado de uma lexia portuguesa muda o seu equivalente africano, por extensão gradual do sentido ou por contaminação fonossemântica, formando uma nova lexia em um processo que não é muito comum, mas que pode ocorrer quando da mudança de um nível sociolinguístico para outro, como nos casos de polissemia e homonímia. Exemplo nosso é a lexia *despacho* da língua portuguesa que equivale ao de origem iorubá *ebó*. Há uma ligação de sentido entre essas duas lexias, pois tanto *despacho* como *ebó* significam *enviar*.

O contato das línguas negroafricanas com a língua portuguesa no período da escravidão resultou na incorporação de lexias negroafricanas no vocabulário português, alterando-se e adaptando-se à nova realidade linguística em uma soma de palavras que compõem o léxico da Língua Portuguesa no Brasil, herança viva da África que deixou seu rico legado linguístico. Essas lexias negroafricanas fazem parte do repertório vocabular do povo brasileiro, que substituíram muitas lexias de origem portuguesa, como é o caso da palavra do português de Portugal *benjamim* que, no Brasil, foi substituída por completo pela sua correlata *caçula*, herança sociolinguística da mulher negra africana⁹.

2.5 VARIAÇÕES SOCIO-CULTURAIS DE LINGUAGEM

Segundo Silva (2009), a linguagem é algo inerente e próprio do ser humano. Ao nascer, ele é envolvido por sons que possuem significados em determinado contexto social e fazem parte de uma língua. Essa é patrimônio de todos e de cada um, pode distinguir a individualidade e a coletividade. É em seu seio que as noções de cultura são incorporadas, assim como as regras de convivência social. A língua impõe sua existência material, determina o que somos, a maneira peculiar de nos expressarmos e os conteúdos do vocabulário pessoal. Através das palavras utilizadas por uma pessoa, pode-se saber de onde ela veio como também sua comunidade linguística, assim como registrar os fatos e eventos que se constituem em uma história individual ou coletiva. Todas as palavras de uma língua

⁹ Castro (2001) e Henckel (2005) dizem que a mulher negra africana teve grande influência sociolinguística na formação lexical do português do Brasil.

representam falares, comportamentos e compõem o léxico dessa comunidade com seus vários níveis de linguagem.

No processo de interação verbal entre seus falantes, a linguagem é expressa em alguns níveis e estes se interrelacionam. Neste trabalho, será dado enfoque a cinco níveis: a linguagem religiosa dos candomblés ou língua de santo, a linguagem de comunicação usual do povo de santo, a linguagem popular da Bahia, a linguagem regional na Bahia e o português do Brasil em geral.

Ao serem trazidos para o Brasil na época colonial, os escravizados trouxeram consigo sua língua, cultura e religião. Tiveram de se adaptar à nova realidade social e linguística estabelecida. Estes escravizados aqui chegados interagiram-se linguisticamente e culturalmente em uma soma de saberes linguísticos, culturais e religiosos. Oriundos de várias partes e etnias africanas, falavam várias línguas que eram usadas primordialmente nas Casas¹⁰ que cultuavam seus orixás, inquices ou voduns. Essas línguas chamadas de língua de santo passaram de geração a geração deixando um legado riquíssimo de lexias negroafricanas que compõe singularmente cada uma dessas Casas.

Estas somas de saberes religiosos originaram o candomblé, lexia de origem do grupo banto que designa associações negroafricanas religiosas que são dirigidas por um sacerdote, tendo como base as tradições africanas, em sistemas de crenças e línguas. Candomblé vem do banto *kandómbilé* > *kandómbelé* 'ação de rezar pela intercessão de Deus', originado do verbo *kudomba* > *kulomba* 'rezar, invocar'. São grupos sócio-religiosos liderados por uma autoridade intitulada popularmente de *mãe de santo* ou *pai de santo* (CASTRO, 2001).

Neste espaço sócio-religioso, os aprendizes destas práticas rituais, os noviços, passam por um período de reclusão nos terreiros em uma série de ritos esotéricos¹¹. Em interação linguística com os outros membros do terreiro, começam a integrar no seu vocabulário um complexo código de símbolos materiais¹² e gestos, associados a lexemas de base negroafricana, específicos das cerimônias dos contextos sagrados de cada Casa. A este conjunto de vocábulos que compõe o

¹⁰ Casa, aqui, refere-se ao espaço físico do Terreiro de Candomblé.

¹¹ Banhos rituais, raspagem de cabeça etc.

¹² Substância, folhas, frutos, raízes, etc.

léxico peculiar ao candomblé e somente utilizado por seus integrantes chama-se linguagem do povo de santo.

Segundo CASTRO (2001), a língua do povo de santo funciona mais como um veículo de expressão simbólica do que propriamente de competência linguística. Seu sistema lexical é de base negroafricana e está relacionado ao universo dos recintos sagrados. Esses elementos do sistema¹³ fazem parte de uma categorização marcante na classificação dos candomblés denominada em nação-de-candomblé. Essas nações de terreiros brasileiros são classificadas em jeje-mina, nagô-queto ou congo-angola. Estas estão alicerçadas em diferentes procedências e de um vocabulário peculiar a cada uma delas, com seus rituais e cerimônias específicas. Seus sistemas de crença são associados ao fenômeno de possessão e transe, provocados por divindades denominadas de *vodum*, *orixá* ou *inquice*.

Estas nações são baseadas em línguas diferentes também. A nação jeje-mina é de base *ewe-fon*, grupos de línguas faladas em Gana, Togo e Benim, tendo como línguas que se destacam o *fon*, *jeje-mahi*, *mina-savalu*. A nação nagô-queto tem como base a língua *iorubá*¹⁴ falada na Nigéria ocidental e no reino de Queto. A congo-angola¹⁵ é originada do grupo banto, da maior família linguística da África, destacando-se as línguas do Congo–Brazzaville, Congo-Kinshasa e Angola. Caso seja uma Casa de base jeje-mina, canta-se para o vodum em *ewe* ou *fon*; as de base nagô-queto cantam para o orixá em *iorubá*; as de congo-angola cantam para o inquice em línguas do grupo banto. Cada Casa utiliza códigos específicos que simbolizam a organização sócio-religiosa do grupo, os objetos sagrados, a cozinha ritualística, cânticos, saudações e expressões referentes a crenças, costumes específicos, cerimônias e ritos litúrgicos.

O repertório lexical da liturgia dos candomblés se manteve alicerçado nos lexemas de origem negroafricana em sua forma arcaica e estranha ao domínio da língua portuguesa. Serve como meio para entrar em contato com as suas divindades e o acesso ao seu conhecimento como fator preponderante de integração e identidade etnoreligiosa do grupo. Este se manteve no processo comunicativo diário

¹³ Sistema aqui é entendido como crença, adoração e língua.

¹⁴ Também chamada de *nagô*, *queto*, *ijexá* e suas variantes *nagô-tadô*, *nagô-vodunce*, *nagô-muçirumim*, entre outras.

¹⁵ Conhecida por suas ramificações congo-munjolo, congo-cabinda, etc.

de seus membros por vários séculos, passados oralmente de uma geração à outra. Suas lexias peculiares guardam segredos próprios de cada povo de santo, revelando às outras gerações o universo mítico, social e linguístico, salvaguardando seus ritos, mitos e língua das mudanças globais impostas pela sociedade atual.

O sincretismo religioso no Brasil das religiões negroafricanas com o catolicismo foi resultado da imposição de orientações religiosas europeias aos escravizados. Embora cada divindade africana, com seus traços míticos comuns quanto a equivalência de seus atributos àqueles dos santos católicos, mantinha cada qual sua identidade religiosa. Os membros de Terreiro, mesmo indo à igreja de Senhor do Bonfim em dia de festa deste, rezam para sua entidade e não para o Santo católico. O povo de santo não reza para o Santo Antonio pensando em Ogum, mas sim diretamente para Ogum.

No processo de interação linguística, algumas palavras usadas pelo povo de santo passaram a ser usadas na língua popular da Bahia. As lexias de base negroafricana fazem parte principalmente do linguajar diário das camadas sociais de baixa renda, presentes na fala de uma maioria de população negra. Também foram incorporadas no uso familiar ou espontâneo de pessoas instruídas e de todas as classes sociais, atraídas pelas religiões de base negroafricana.

Segundo Castro (2001), nos candomblés da Bahia, há uma incorporação de orientações e crenças religiosas de origens europeias e asiáticas à sua liturgia de base negroafricana e os seus membros não seguem o longo ritual de iniciação. Neste processo interativo entre culturas e religiões, são interpostas as barreiras extralinguísticas diante da passagem de lexias negroafricanas para os níveis subsequentes de maior prestígio sócio-econômico. Essas lexias sofrem uma filtragem de ordem sociocultural na sua competência. A determinação destas serem apropriadas pelos falantes da língua popular da Bahia, ou não, se dá muitas vezes pela divulgação da mídia, através de letras de músicas, filmes ou programas de televisão. Caso sejam assimiladas, estas lexias se tornam parte da linguagem usual de seus falantes e recebem o *status* de ser uma palavra *permitida* de ser usada na Língua Portuguesa do Brasil sem causar constrangimento.

Algumas lexias negroafricanas, que muitas vezes sofreram estigmatização em determinadas épocas embora fazendo parte do léxico na linguagem coloquial

brasileira, são eleitas como aceitas e divulgadas pela mídia através de músicas ou em programas de televisão em uma seleção de ordem sociocultural na sua competência. Exemplo de uma dessas lexias é *bunda* de origem banto. Usada na linguagem popular brasileira para designar seu correlato português *rabo* ou *cuzinho*, que em épocas passadas era tido como uma expressão vulgar e imoral, hoje é aceito em alguns meios de comunicação e na fala do cotidiano.

Alguns candomblés de tradição queto na Cidade do Salvador, por terem um prestígio sociológico, são estudados empiricamente pela classe intelectual e artística, tanto dentro do Brasil como fora dele. Os elementos simbólicos do panteon iorubá ganharam fama e tornaram-se mais conhecidos do que outros. Algumas dessas Casas recebem visitantes do mundo inteiro para conhecerem o universo mítico e religioso das religiões negroafricanas e servem de referência de elemento simbólico da cultura baiana no exterior, representando culturalmente o Brasil.

Nesse contexto social, os orixás são alvo de exploração de empresas comerciais e turísticas, públicas ou privadas e também se encontram nas artes populares, como a música, a literatura de ficção, as artes plásticas etc. Coloque como exemplo, a música de Geronimo, Motumbá e as imagens do Dique do Tororó

A mídia também favoreceu muito a ampliação do uso de alguns vocábulos da língua de santo para a linguagem popular da Bahia. Sendo estes incorporados pelos baianos, através de letras de romances, músicas e de filmes que fizeram sucesso no Brasil e no mundo. Como exemplo, podemos citar os romances de Jorge Amado, que levaram ao mundo todo o universo mítico e religioso do candomblé como representação da religião cultuada na Bahia pelo povo baiano. Muitas de suas obras viraram filmes e até hoje fazem sucesso no Brasil e em diversos países.

A música popular brasileira também é responsável por essa disseminação porque em suas letras contêm vários referenciais linguísticos de língua de santo que conquistaram público de vários níveis sócio-culturais. Essas lexias passaram a integrar o vocabulário desse público que canta sua música e apreende seu significado. Exemplo disto é a palavra *axé*¹⁶, hoje usada comumente pela população baiana, resultado da divulgação deste signo linguístico pela chamada *axé music* que faz sucesso no mundo e é admirada por pessoas de diversos níveis sócio-culturais.

¹⁶ “Saudação votiva afrobrasileira, equivalente à força, energia ou amém” (CASTRO, 2001, p. 161)

Mas, algumas lexias que fazem parte deste universo, são passadas despercebidas e confundidas com referenciais de origem portuguesa, como é o caso da lexia do grupo banto *moleque*¹⁷.

Os falares regionais brasileiros são mais ou menos africanizados a depender de onde se instalou um contingente maior ou menor de africanos. Os aportes negroafricanos tiveram influência nas condições históricas e sociais favoráveis que concorrem para mantê-los em processo de trânsito contínuo para o português do Brasil. Na Bahia, por haver muitos negroafricanos em processo interativo de sua língua nativa com o contato da língua do colonizador, houve grande número desses aportes, contribuindo com os falares da população baiana onde ainda se observa no repertório lexical essa interferência de mais de três séculos de interação social e linguística dos falares africanos com a Língua Portuguesa. Este tipo de interferência decorre do vocabulário de base africana que era falado nos candomblés e entre os escravizados, passando de geração a geração, e que hoje já faz parte do linguajar espontâneo dos falantes nativos de língua portuguesa na Bahia.

Esse uso regional na Bahia faz parte também do falar de pessoas geralmente das camadas sociais economicamente privilegiadas. Algumas lexias deste uso vêm aumentando. Castro (1983) aponta como consequência disto, o fato dos candomblés serem frequentados e estudados por intelectuais, artistas, profissionais liberais e políticos de todas as classes sociais. Outro fator é a propaganda turística, comercial e os meios de comunicação que divulgam os costumes e as lexias negroafricanas dos candomblés no Brasil e no exterior.

Segundo Rossi (1963), os aportes lexicais africanos apresentam as mesmas particularidades fônicas que caracterizam o português regional baiano. Essas particularidades são: tendência à abertura das vogais pré-tônicas; nasalização das vogais que precedem uma consoante nasal; tendência à vocalização da lateral velar em posição final; sistema de sete vogais e conservação do centro vocálico de cada sílaba, mesmo átona.

No Brasil, segundo Ribeiro (2000), já viviam os indígenas quando os colonizadores portugueses chegaram e trouxeram os negroafricanos. Os indígenas, os portugueses e negroafricanos deixaram, como legado, complexos sistemas

¹⁷ Significa menino, garoto.

linguísticos. Estes se compõem de unidades lexicais que se misturaram ao longo de tempo e formaram os falares populares regionais. Divergentes e com suas peculiaridades, com mais ou menos influência, de acordo com a região, esses falares regionais compõem o português do Brasil.

As diferenças semânticas, morfossintáticas e fonológicas da língua portuguesa falada no Brasil e em Portugal são muito grandes. Algumas lexias são usadas em Portugal e não são no Brasil e vice-versa. Exemplo nosso é a lexia do grupo banto *cochilar* que no Brasil substituiu seu correlato em Portugal *dormitar*, esta última lexia não é usada no português falado no Brasil (CASTRO, 2001).

Muitos aportes negroafricanos vêm crescendo com o prestígio dos cultos religiosos afrobrasileiros ou candomblés. Um número cada vez maior de *brasileirismos* de origem africana é incorporado ao léxico da língua portuguesa do Brasil, na medida em que os falares regionais brasileiros são estudados e divulgados pela mídia. Essa contribuição vem tornando a língua no Brasil mais variada e expressiva dando-lhe uma fisionomia própria.

As línguas de santo e a linguagem do povo de santo interferiram no português do Brasil, deixando suas lexias, assim como o português europeu modificou as formas lexicais de língua de santo, pois seus aportes adaptaram-se às regras desta modalidade de português.

3 OS ESTUDOS LEXICAIS

As grandes manifestações sociais, tais como crise política, econômica, revolução social e outras, colaboram com a renovação lexical. Segundo Ferraz (2006), este fenômeno está manifestado em todos os subsistemas linguísticos, como o fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático e lexical. A língua se adapta às mudanças exigidas pelo meio social em que está inserida e reproduz novas lexias para o novo contexto e ordem social. Este é um dos requisitos para que a língua sobreviva na contínua inovação lexical que acompanha a atualização da sociedade.

Coseriu (1980) também concorda que a língua está em constante mudança no funcionamento e sua utilização implica em sua renovação lexical. Estas mudanças, para Lino (2010), estão relacionadas também ao contato com outras

culturas, produzindo as variações linguísticas. Preti (2003) afirma que estas variações podem ser de ordem diatópica e diastrática¹⁸ enriquecendo o léxico de determinada cultura. Muitas lexias usadas em determinadas comunidades são frutos das trocas linguísticas entre determinadas sociedades.

Para Coseriu (1980), a língua é composta por diassistemas, de uma estrutura mais ou menos complexa de dialetos, níveis e estilos. As línguas constituídas e reconhecidas pelos seus próprios falantes são denominadas por Coseriu (1980) de *línguas históricas*. Esse tipo de língua sempre apresenta variedades internas pertencentes a pelo menos três eixos: eixo diatópico, eixo diastrático e eixo diafásico¹⁹. Essas diferenças, que se situam nos três eixos do diassistema, constituem verdadeiras sublínguas dentro de uma mesma língua histórica. Nesse sentido, uma língua histórica não se fala propriamente na medida em que ela somente é realizada mediante as formas determinadas em sentido diassistêmico. Segundo Coseriu (1980, p. 113): “ninguém fala toda uma língua histórica – todo o português –, mas uma determinada forma dessa língua histórica, isto é, um português, como, por exemplo, o português do nordeste e o português da região sul”. O autor exemplifica também as variantes do português de classes baixas e o português de classes médias que fazem parte das línguas. Estas línguas, efetivamente realizadas dentro de uma língua histórica, constituem as línguas funcionais.

Os falantes nativos de uma língua histórica conhecem, mesmo que parcialmente, um grande número de línguas funcionais que compõem a sua língua materna. A partir disso, segundo Coseriu (1980, p. 116): “todo falante é, dentro de sua língua histórica, plurilíngue ou poliglota”. Esse fato é a garantia de que a comunicação entre pessoas de diferentes regiões geográficas, de diferentes classes sociais e com estilos de falar divergentes, possa ser realizada.

A língua, para Preti (2003), funciona como elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que está inserido, através da associação arbitrária de

¹⁸ Diatópicas são chamadas as variedades geográficas que ocorrem num plano horizontal da língua, responsáveis pelos regionalismos ou falares locais. Diastrática são as variedades socioculturais que ocorrem num plano vertical, em uma comunidade específica (PRETI, 2003)

¹⁹ Diafásico refere-se às “diferenças entre os diversos estilos que podem ser percebidos entre a língua falada e a língua escrita, entre a fala familiar e a fala entre colegas de trabalho” (COSERIU, 1980, p.110).

significantes a significados arbitrários que se transformam em signos, processando a comunicação linguística.

Segundo Mingas (2010) em Conferência realizada no II SIALA²⁰, a língua está subjacente em todos os atos de comunicação. Todo contato entre os membros de determinada comunidade ou sociedade, seja ela qual for, se concretiza com e por meio dela. Ela se desenvolve em determinado espaço e tempo conforme as comunidades e sociedades vão se organizando e consolidando o seu conhecimento. Ela não permanece estática, se altera mediante tipo de utilização de seus locutores, sendo indispensável ao processo de identificação e identização²¹ dos membros das comunidades que a usa.

Identificação e identização se fazem através da língua, no nosso caso, no Brasil, através da língua portuguesa. A língua portuguesa atravessou oceano até fixar-se em certos locais e foi apropriada pelas populações destes lugares que incorporaram a ela marcas peculiares conferindo-lhe direito de cidadania (MINGAS, 2010). Ela constitui um dos fatores de identidade, por exemplo, entre os povos angolanos e brasileiros. Contribuiu para a identização deles. Tem como eixos principais a contribuição de várias realidades sociais, linguísticas e culturais peculiares a cada local que compõe a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Na mesma conferência, Mingas (2010) afirma haver muitos traços em comum entre a comunidade angolana e a brasileira. Muitas vezes divergentes em relação às marcas que a língua portuguesa ganhou e continua ganhando em processo de modificação em cada um desses países, resultando em diferentes variantes da língua portuguesa. A autora exemplifica essa dinâmica de mudanças com lexemas de origem ameríndia como *Ipiranga*. Cita outros oriundos de línguas e culturas negroafricanas como *cochilar*, *caçula* entre outros muitos que contribuíram para a formação da língua local. “Todos os itens consubstanciam elementos de identização da comunidade brasileira” (MINGAS, 2010, p. 15), pois permitem que se possa

²⁰ II SIALA – Seminário Internacional Acolhendo as Línguas Africanas foi realizado em agosto de 2008 pelo grupo GEAALC (Grupo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros de Línguas e Culturas) da UNEB.

²¹ Identificação refere-se a intragrupal, dentro do mesmo grupo; identização é extragrupal, fora do grupo.

identificar esse Estado na Comunidade de Países de Língua Portuguesa, devido ao tipo de variação que esta língua sofreu.

A língua tem participação como componente da identidade étnica, ela é um marcador cultural altamente visível na vida cotidiana de um grupo e que “... pode se expressar em dois níveis: na esfera privada, como valor simbólico de pertencimento, ou na esfera pública, como instrumento de comunicação que regula a dinâmica social do grupo” (MOTA, 2003, p.29). O simbólico e o social estão intimamente conectados, sendo ambos necessários para a manutenção de identidades.

A língua é o meio pelo qual os membros de determinada comunidade ou sociedade interagem, exprimem seus ideais, desejos, anseios e sentimentos. Desenvolve-se de maneira divergente em determinado espaço e tempo consonantes às comunidades e sociedades que se interagem linguisticamente. Conforme a dinâmica evolutiva, a língua incorpora traços linguísticos característicos de outras. Altera-se mediante o tipo de utilização de seus utentes. A língua portuguesa falada no Brasil incorporou marcas lexicais, semânticas, morfossintáticas peculiares. Constitui um dos fatores de identidade do povo brasileiro em sua grande diversidade linguística.

Maniacky (2010) afirma que a diversidade das línguas implica divergentes maneiras de apreender, de classificar as coisas e de ver o mundo. As influências das línguas dominantes, urbanas ou estrangeiras fazem desaparecer várias línguas. Certos preconceitos têm como fundamentos as proposições sobre as línguas africanas, afirmando que “são dialetos, são faladas por poucas pessoas, são ágrafas ou muito complicadas e difíceis de escrever, não têm vocabulário técnico” (MANIACKY, 2010, p. 63).

Traços linguísticos e culturais negroafricanos presentes no Brasil foram herdados da África subsaariana. O estudo das línguas africanas que deram contribuição para a formação do léxico da língua falada no Brasil é uma forma de compreender as comunidades locais e valorizá-las.

Prah (2000), pesquisador linguista da África do Sul, também defende a tese de estudar as línguas locais africanas para melhor entendimento de sua cultura. É através da língua que se exprime os conhecimentos e valores culturais

estabelecidos e negociados por uma comunidade. “No momento em que usamos uma língua, a memória colectiva dá-nos confiança para nos exprimimos à vontade, tornamo-nos, também, mais capacitados para transmitir os conhecimentos e valores culturais de cada região às novas gerações” (PRAH, 2013, p.1). Algumas das línguas faladas que possuem números menores de falantes do que outras que têm maior quantidade de indivíduos que as usam na África do Sul, estão sendo estigmatizadas por aqueles que elegem certas línguas como mais importantes ou de maior relevância. A língua serve também de instrumento de opressão e imposição da cultura dominante. É um poderoso instrumento que pode veicular ideologias de dominação e desprestígio de certas unidades lexicais em favor de outras. Também serve para comunicar através de gerações a história de um povo.

De acordo com Abbade (2009¹), a herança linguística é um patrimônio de um povo. A língua é fator identitário de uma pessoa, pois através dela pode-se descobrir sua origem, no momento em que fala. A história de um povo está atrelada à sua história linguística. A palavra tem uma importância relevante na vida de uma pessoa. O vocabulário de cada um revela a sua faixa etária, os seus hábitos, a sua profissão, o seu grau de instrução, a sua etnia. As palavras, expressões e linguajares fazem parte do vocabulário de determinado grupo social, em uma época, revelando o seu tempo. O estudo lexical possibilita o conhecimento da história social do povo que a utiliza. Cada lexia revela seu significado que pode somente existir em determinada época e cultura.

Para Vilela (1995), a língua é um elemento aglutinador da sociedade e da comunidade. A sociedade e a língua estão constantemente a intrometer-se uma na outra. A sociedade reflete-se na língua e vice-versa.

3.1 LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE

O estudo de uma língua abrange o estudo da cultura, cujo conceito apresenta grande amplitude de significados. A cultura é o conjunto de conhecimentos que o indivíduo adquire na interação social com as pessoas que o cercam, sendo estes conhecimentos transmitidos através das gerações. Câmara Jr. (1979) afirma que a língua é uma representação do universo cultural em que o indivíduo está inserido.

Através da interação social entre indivíduos, a língua e a cultura são transmitidas pelos membros de determinado grupo social. Para transmitir a cultura, o homem utiliza determinada língua. Segundo Lima (2009), o estudo da língua, que envolve a relação do homem com a sociedade, abrange inevitavelmente o estudo da cultura.

Segundo Saussure (1977), a língua é um tesouro depositado pela fala de pessoas de um determinado grupo social. Ela está depositada pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade. O sistema de signos de uma língua está vinculado ao processo das relações sociais.

O sujeito, ao falar ou escrever, deixa em seu texto marcas profundas de sua sociedade, seu núcleo familiar, suas experiências, além de pressuposições sobre o que o interlocutor gostaria ou não de ouvir ou ler, tendo em vista também seu contexto social. Bakhtin (1995) concebe a linguagem como interação social. A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. No movimento de interação social, os sujeitos constituem os seus discursos por meio das palavras alheias de outros sujeitos, as quais ganham significação no seu discurso interior e, ao mesmo tempo, geram as réplicas ao dizer do outro, que por sua vez, vão mobilizar o discurso desse outro, e assim por diante. A noção de interação verbal via discurso é gerada pelo efeito de sentidos, originado pela sequência verbal, pela situação, pelo contexto histórico social, pelas condições de produção e também pelos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores. Ou seja, além dos aspectos linguísticos, as condições de produção do discurso são definitivas para compô-lo; e isso não se aplica somente à interação verbal.

A língua é inerente e própria do ser humano. É patrimônio de todos e de cada um, pode distinguir a individualidade e a coletividade. É em seu seio que as noções de cultura são incorporadas, assim como as regras de convivência social. Ela impõe sua existência material, determina o que somos, a maneira de expressar-nos

peculiar e os conteúdos do vocabulário pessoal. Estabelece os limites físicos, fonéticos, sintáticos e semânticos do que consegue ser dito.

As relações entre léxico, cultura e sociedade são muito fortes. De acordo com Ferraz (2006), o léxico é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico por se reportar a um mundo referencial, físico, cultural, social, psicológico em que o ser humano se situa. Uma comunidade linguística está sob o impacto das forças de manutenção do código e sua variação, fazendo com isso, que a língua se renove, sem que perca a sua base de identidade. Enunciados alicerçados na ideia de que todos de certa comunidade falam a mesma língua, pecam por desconsiderar o processo natural variacional. Essas variações, segundo Santos (2004), estão ligadas às diferenças em função da geração, de origem, da profissão, de formação sociocultural. A comunidade linguística não é inteiramente homogênea, fragmenta-se em outras menores. Os usuários da língua podem transitar em vários grupos linguísticos, experimentando os vários níveis socioculturais da linguagem ou utilizar mais de um sistema de signos.

Bakhtin (1995) diz que os signos são construídos socialmente, através das interações do indivíduo com o seu meio social. Somente através do outro, adquirimos os traços linguísticos característicos de nossa língua. Não basta colocar dois seres humanos juntos para que os signos se constituam. Estes indivíduos têm de estar socialmente organizados para que formem uma unidade social.

Segundo Lima (2010), no começo do século XX, Boas e seus seguidores Sapir e Whorf centraram seus estudos na relação intrínseca entre linguagem, cultura e sociedade. Boas descreveu a gramática das línguas, definindo as categorias de acordo com a observação dos fenômenos linguísticos encontrados entre falantes das línguas tomadas como objeto de análise. Sapir afirmou que a língua era imprescindível para o desenvolvimento da cultura. A primeira obra publicada por Sapir em 1921 defendia a teoria de que a língua era fundamental para o indivíduo adquirir a cultura do meio em que se encontrava. Whorf afirmou que o acervo lexical e gramatical de cada língua expressa uma categorização de dados próprios, em função do meio social em que está inserida. Sapir e Whorf concordaram que cada língua possui uma visão particular do mundo e expressa de forma peculiar sua realidade. Boas, Sapir e Whorf centraram seus estudos na Antropologia Linguística, cujo foco é a abrangência social da língua.

O objetivo principal da Antropologia Linguística, segundo Duranti (2000), é descrever a identidade da língua e explicar como ela pode aumentar a nossa compreensão de linguagem como uma prática cultural. Os falantes de determinada língua são membros de determinadas e complexas comunidades que possuem suas crenças, valores e outros aspectos culturais. A Antropologia Linguística analisa a língua através dos diversos mecanismos utilizados pelo falante e pela sua comunidade no seu ato comunicativo.

Segundo Lima (2010), a Etnolinguística procura estabelecer relação entre linguagem e cultura. Para a Etnolinguística, a linguagem, característica universal do homem, é eminentemente social, estando intimamente relacionada com a cultura, através dela, todas as concepções do mundo são levadas ao homem. A Etnolinguística preocupa-se com os fatos de uma língua, determinados pelos saberes sobre as coisas e estratificação social das comunidades. Coseriu (1980) apresentou três subgrupos da Etnolinguística: do falar, da língua e do discurso. A Etnolinguística do falar estuda a linguagem definida como conhecimento universal. A Etnolinguística da língua estuda os fatos de uma língua através dos saberes sobre as coisas e estratificação social das comunidades. A Etnolinguística do Discurso estuda os discursos, seus tipos e estruturas determinadas pela cultura.

Coseriu (1980) delimitou as áreas de estudo da Sociolinguística e da Etnolinguística, distinguindo suas diferenças e afirmando os pontos em comum entre elas. A Etnolinguística é o estudo da variedade e da variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura, enquanto que o estudo da variedade e da variação da linguagem em relação à estrutura social das comunidades falantes é chamada de Sociolinguística.

Somente na metade do século XX, os aspectos sociais da linguagem começaram a ganhar maior sistematicidade com uma subárea da Linguística chamada Sociolinguística. Segundo Mollica (1994), a Sociolinguística é uma ciência que estuda a língua em uso na comunidade de fala focalizando os empregos linguísticos concretos em sociedade.

Nos estudos sociolinguísticos, Labov (1972) lançou um artigo nos conturbados dias de luta pela igualdade racial na década de 1960 nos Estados Unidos, centrado na relação entre língua e sociedade. Labov afirmava que

para conhecer um ser humano, uma cultura ou uma língua a partir de uma visão, é preciso ser sensível e, por vezes, pouco ortodoxo. Havia naquela época afirmações de que os negros eram inferiores aos brancos porque eram cultural e linguisticamente limitados, ilógicos, monossilábicos etc. Tais afirmações eram vistas com respaldo em resultados de pesquisas científicas. Labov fez uso de seu profundo conhecimento da comunidade negra do Harlem, nos Estados Unidos, com cultura bastante oral e aliou bom senso, sensibilidade e criatividade na pesquisa. Ele alterou vários dos procedimentos de pesquisa então vistos como firmemente estabelecidos e teve seu artigo alçado à categoria de um clássico. Como resultado, Labov pôde mostrar uma visão completamente diferente da cultura negra e da capacidade intelectual e linguística de seus membros, mostrando que os falantes desta comunidade linguística se expressavam de acordo com o seu sistema lingüístico, que não era inferior ou superior, melhor ou pior do que nenhum outro, mas sim, peculiar àquela comunidade linguística.

3.2 AS CIÊNCIAS LEXICOLÓGICAS

Ao longo de sua história social, política, econômica, religiosa, o acervo lexical de um povo é elaborado no processo interativo da comunicação diária. Em cada época, as palavras sofrem modificações, se ajustam, se acoplam, são esquecidas, lembradas, criadas (ABBADE, 2006). Até mesmo sua ordenação morfossintática e fonética está relacionada de acordo com a fala de determinada comunidade.

O léxico de uma língua é portador de visões e concepções de mundo. Ele reflete o ambiente físico e social do indivíduo. “Ele é um inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que abarcam a atenção da comunidade” (SAPIR, 1961, p.45). O léxico é o conjunto das palavras de uma língua, formado por lexias. As lexias são unidades de características complexas que fazem parte de uma organização enunciativa interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações.

O léxico de uma língua é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos linguistas não seria capaz de enumerá-lo. Dele faz parte a totalidade das palavras, desde os neologismos, regionalismos, terminologias, passando pelas gírias, expressões idiomáticas e palavras de baixo calão.

O léxico é a codificação da realidade extralinguística exteriorizada no saber de determinada comunidade linguística. Tanto na perspectiva da cognição-representação como na perspectiva comunicativa, trata-se de saber partilhado (VILELA, 1995).

Segundo Biderman (2001), o léxico de uma língua constitui uma maneira de registrar o conhecimento do universo. O léxico das línguas naturais se originou quando o ser humano nomeou os objetos e seres, reuniu-os em grupos, identificando as semelhanças e as diferenças. O ser humano desenvolveu a estratégia de associar palavras a conceitos, de interagir com o seu meio através destes conceitos. As comunidades precisam ampliar sempre seus repertórios de signos para designar a realidade, paralelamente à necessidade de nomear as invenções e noções novas desenvolvidas. O léxico é identificado como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística, um tesouro cultural abstrato (BIDERMAN, 1981). O falante incorpora o vocabulário e os modelos formais que configuram o sistema lexical, no caso específico da língua portuguesa em geral e do português do Brasil, estes vocabulários foram enriquecidos por lexias provenientes das línguas negroafricanas.

Krieger (2006) também concorda que o léxico de uma língua é heterogêneo e que não pode ser considerado como monolítico. Alguns fatores determinam a variada formação do léxico, entre eles, o tempo, o espaço e o registro. Conforme o tempo passa, algumas palavras caem em desuso, enquanto outras são acrescentadas ao repertório linguístico, ou até mesmo as que já existiam na língua adquirem novas significações. Determinados grupos sociais possuem um vocabulário de palavras distintas, características de uma determinada região geográfica, caracterizando a variação diatópica. A variação diastrática está relacionada ao fato do léxico ser resultante de extratos de faixas horizontais, ligados aos divergentes usos das palavras, determinando registros como culto, popular, literário, vulgar, coloquial e os registros do saber especializado como a informática, a música e outros.

Vilela (1995) também concorda que o léxico de uma língua é heterogêneo, constituído por diassistemas²². As lexias da língua falada convivem com os da língua escrita, arcaísmo e neologismo também convivem em uma interação linguística.

Cada comunidade humana utiliza o seu instrumento e modelo linguístico herdado por seu grupo social para designar conceitos novos. Os termos técnico-científicos são criados baseados na lógica da língua usada nesta ou naquela comunidade, segundo os padrões lexicais nela existentes.

Os termos das ciências, segundo Lino (2010), não são universais, apresentam elementos de cultura relativos a uma determinada comunidade, sendo estudados pela lexicultura²³. “O conceito de lexicultura tem se revelado importantíssimo na descrição lexicológica, lexicográfica e terminológica, quer numa perspectiva monolíngue, bilíngue ou multilíngue” (LINO, 2010, p. 66). Os elementos lexicoculturais estão presentes nos termos das nomenclaturas e nas definições lexicográficas.

A disciplina que estuda o léxico e sua organização é a Lexicologia. Ela estuda a interrelação de cada palavra e remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso em níveis socioculturais, político e institucional. Ao lexicólogo, especialista da área, cabe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas.

A Lexicologia é uma ciência antiga Ela faz fronteira com a Semântica, pois, embora se ocupe do léxico, é necessário considerar sua dimensão significativa. Também está ligada à Dialetoлогия e à Etnolinguística através de estudos sobre palavras e coisas, sobre as relações entre língua e cultura. Também se relaciona com a Psicolinguística e a Neurolinguística. Estas últimas com pesquisas experimentais sobre a estocagem do vocabulário e o problema do acesso ao repertório lexical armazenado na memória.

Segundo Biderman (2001), para melhor compreender e estudar o léxico, foram criadas algumas disciplinas. Elas enfocam-no de modos distintos, embora

²² Para Vilela (1995, p.16): “diassistema é uma estrutura mais ou menos complexa de “dialetos”, “níveis” e “estilos” que compõem a estrutura de uma língua”.

²³ Neologismo terminológico criado pelo linguista Robert Galisso, nos finais da década de 80, que designa os elementos da cultura presentes no léxico (LINO, 2010).

possuam como primordial finalidade a sua descrição. Dentre os estudos da Lexicologia, encontra-se a Lexicografia, ciências dos dicionários, que se ocupa da significação dos vocábulos, analisando os sentidos das palavras de uma língua, o que querem dizer ou representar.

Para Krieger (2006), a obra lexicográfica tem grande relevância para as sociedades por possuir informações funcionais e históricas sobre vários componentes do sistema linguístico.

Biderman (1998) também afirma a grande importância dos dicionários como obras de grande valor sociolinguístico por descrever o vocabulário de uma língua através do registro e da definição dos signos lexicais. Um dos fatores que dificultam as atividades lexicográficas é o fato de que o léxico de uma língua é um sistema aberto e em constante expansão, pois a Lexicografia tem como função normatizar e informar os divergentes significados de cada lexia.

Abbade (2006) dá exemplos de outras ciências afins com a Lexicologia. Entre elas, está a Semântica que estuda as significações linguísticas; a Etimologia **que** estuda a formação das palavras, explicando a sua evolução com base em seu étimo; a Semasiologia que se ocupa do sentido das palavras, partindo do significante para explicar o significado; a Onomasiologia faz o estudo semântico das denominações, partindo dos conceitos e buscando os signos linguísticos que lhe corresponde.

As lexias negroafricanas apresentadas neste trabalho são organizadas a partir dos pressupostos onomasiológicos, partindo-se do conceito ao signo linguístico. Essa escolha se deu com o objetivo de demonstrar a riqueza de aportes negroafricanos na língua portuguesa no Brasil.

Apresentaremos mais sucintamente esse ramo da Lexicologia que serviu de base ao presente estudo.

3.2.1 A Onomasiologia

Segundo Babini (2006), o termo *Onomasiologia* foi empregado pela primeira vez em 1903 por A. Zauner²⁴ em um estudo sobre os nomes das partes do corpo humano nas línguas românicas.

A onomasiologia trata dos aspectos ligados ao processo da denominação partindo de uma determinada ideia ao signo. Estuda as diversas expressões que uma ideia assume em diferentes línguas, do ponto de vista cronológico e geográfico, sendo também chamada de lexicologia comparada. Foi originadamente estudada no domínio das línguas românicas tendo como ponto de partida o latim, “língua na qual são descritos os conceitos, permitindo a comparação dos mesmos nas diferentes línguas românicas” (BABINI, 2006, p. 38).

Segundo Babini (2006), por sua origem estar ligada a um conjunto de ideias, o adjetivo *ideológico*²⁵ é usado como sinônimo de onomasiológico e os dicionários ideológicos seriam organizados em função das ideias. Os primeiros dicionários ideológicos são oriundos da segunda metade do século XIX. Peter Mark Roget é considerado o iniciador desse tipo de repertório. Publicou, em 1852, o *Thesaurus of english words and phrases, classified and arranged so as to facilitate the expression of ideas and assist in literary composition*. Na edição em francês desse livro, o tradutor, T. Robertson, adotou como título *Dictionnaire ideologique: recueil des mots, des phrases, des idiotismes et des proverbes de la langue française classés selon l'ordre des idées*. Esta obra foi traduzida para diversas línguas e utilizada como modelo para várias obras lexicográficas. Os países de língua latina adotaram o nome *Dicionário Ideológico* e os países de língua inglesa o denominaram de *Thesaurus*.

Alguns autores como Baldinger (1970), Babini (2006) e Pottier (1992), diferenciam a Onomasiologia da Semasiologia²⁶. Na Onomasiologia, as unidades lexicais são classificadas em função dos conceitos que representam enquanto que na Semasiologia são classificadas em função da forma, em ordem alfabética. Neste

²⁴ Zauner, A. Die romanischen Namen de Körperteile. *Eine onomasiologische studie. Romanische Forschungen*, nº 15, p. 339-530, 1903

²⁵ A palavra *ideológico* aqui tem a significação de *ideia* e não no sentido de valores morais ou sociais, como geralmente é usada no senso comum.

²⁶ Semasiologia, neste trabalho, toma o conceito de Baldinger (1970, p.8), como ciência das significações. Convém distingui-la da Semântica, que é a ciência do conteúdo da linguagem e engloba a Onomasiologia e a Semasiologia.

sentido, os dicionários terminológicos, cujas unidades lexicais são classificadas em ordem sistemática, são repertórios onomasiológicos. O dicionário onomasiológico é exatamente o inverso de um dicionário semasiológico. O dicionário onomasiológico parte de uma noção ou conceito e encontra a unidade lexical ou o termo que a exprima, tendo o significado como ponto de partida. Em um dicionário semasiológico, o significante de um termo ou palavra é o ponto de partida.

Pottier (1992) propõe a descrição do percurso gerativo da enunciação, permitindo-nos melhor entender os conceitos de onomasiologia e de semasiologia. O percurso onomasiológico ou semasiológico se dá conforme nos posicionamos do ponto de vista do *enunciador* ou do *interpretante*. O percurso onomasiológico vai da intenção de dizer ao enunciado, e o *percurso semasiológico* vai do enunciado à sua interpretação. Pottier (1992) apresenta esquematicamente o percurso onomasiológico como segue:

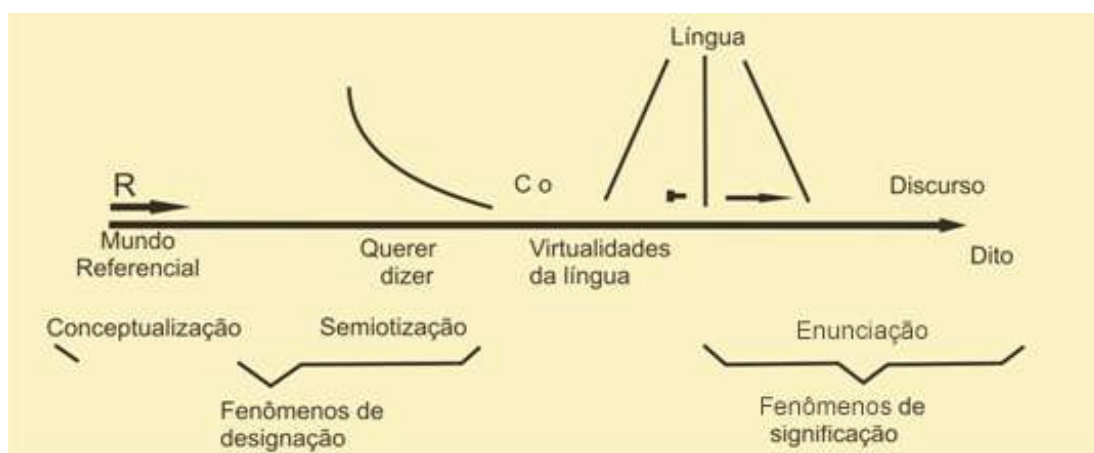


Figura 6- Percurso gerativo onomasiológico da enunciação (POTTIER, 1992, p. 16)

O mundo referencial é o ponto de partida do enunciador. Quando ele quer dizer algo, começa a conceitualizar sua intenção, que é expressa em signos, em um processo de semiotização.

A passagem da conceitualização à semiotização se faz através do que Pottier (1992) nomeia de fenômenos de designação, pelos quais se estabelecem as relações entre o mundo referencial e os sistemas das línguas naturais. A enunciação

formam um conjunto. A Onomasiologia implica, desde o começo, numa preocupação de ordem estrutural.

Babini (2006) afirma que a Onomasiologia pode assumir formas diferentes em cada obra lexicográfica ou terminográfica. O percurso que permite encontrar uma unidade lexical ou terminológica tendo como ponto de partida seu conteúdo semântico (ideia ou conceito) faz-se, geralmente pelo sistema conceitual ou pelo plano de classificação das ideias (conceitos), normalmente apresentados no início das obras; pela classificação sistemática das entradas; pela sinonímia; pela antonímia ou por analogia. Um dicionário de tipo onomasiológico deve contar com modelos de macroestrutura e de microestrutura capazes de permitir a busca de uma palavra tendo como ponto de partida seu conteúdo. O percurso onomasiológico opõe-se, por natureza, aos dicionários tradicionais, nos quais se parte do significante para se chegar ao significado (seguindo, portanto, o percurso semasiológico). O autor acredita que os dicionários deveriam permitir encontrar tanto "as palavras pelas ideias quanto as ideias pelas palavras. Nesse sentido, consideramos que os lexicógrafos e os terminólogos tenham ainda longo trabalho pela frente" (BABINI, 2006, p. 41).

3.2.2 As relações de sentido

Segundo Ullmann (1970) e Guimarães (2006), a Semântica tem como objeto de estudo a significação das palavras. A Semântica moderna tem como unidade de análise a frase, no seu uso cotidiano.

Guimarães (2006) diz que o sentido da frase é o resultado do sentido que as lexias têm na língua e que se renova no processo dinâmico da evolução linguística da comunicação verbal. As lexias são relacionadas pela significação. A significação constitui-se da relação entre o real ato de funcionamento da língua e as questões socioculturais. A pragmática também pode trazer contribuições para a construção de certas expressões. A diferença fundamental entre a Semântica e a Pragmática seria,

segundo Guimarães (2006), que a Semântica considera o sujeito que enuncia, o toma como linguístico, diferente da Pragmática que o considera psicologicamente.

Alguns autores dizem existir algumas lexias que podem substituir outras sem que haja alguma perda de sentido no parâmetro emocional ou cognitivo, principalmente na linguagem técnica, sendo sinonímicas.

Bloomfield (1933) e Bréal (1992) dizem que cada lexia tem um significado específico. Se as formas são foneticamente diferentes, os significados das mesmas também são diferentes. Para Bréal, a sinonímia perfeita não existe, pois “a ordem intencional em virtude da qual as palavras que deveriam ser sinônimas e que o eram efetivamente, tomaram, entretanto sentidos diferentes e não podem mais ser empregadas uma por outra” (BRÉAL, 1992, p.33). As lexias carregam em si uma determinada ideia para a expressão dos sentimentos e a discussão dos interesses. Alguns fatores interferem na não existência da sinonímia, sendo um deles o fato de que quando duas línguas entram em contato há um trabalho de classificação que consiste em atribuir valores às expressões inicialmente sinônimas. Determinada lexia pode gozar de certo prestígio ou desprestígio se ela advier de um idioma que é dado como superior ou inferior. Como exemplo, podemos citar a palavra do *kikongo* *xoxota* < *kisota* que sofre estigmatização em relação ao seu correlato latino *vagina* < *vagina* através de *vaginha* (CUNHA, 1997). Na língua portuguesa essa última lexia não sofre estigmatização, pois a lexia *vagina* pertence à língua dominante, a língua latina.

Abbade (2009₂) e Carvalho (2011) concordam que não existam lexias com sinônimos perfeitos. Toda e qualquer palavra carrega em si o seu significado inerente e único. As lexias podem conter significações próximas, mas carregam suas marcas inerentes, de caráter emocional, pragmático e estrutural.

Para Ullmann (1970), pouquíssimas palavras são completamente sinônimas no sentido de serem substituídas em qualquer contexto, sem a mais leve alteração no seu significado, sem perda do tom sentimental ou evocativo. Em algumas nomenclaturas técnicas, podem-se encontrar sinônimos perfeitos em termos científicos pelo fato destes serem precisamente limitados e emocionalmente neutros. O autor exemplifica isto com as palavras *caecitis* do latim e *typhlitis* do grego que significam *cego* nas duas línguas para nomear a inflamação do intestino cego.

Lyons (1979) concorda, assim como Ullmann (1970), que existem lexias com sinonímia perfeita. Lyons nomeia esta sinonímia de total. Mas este autor também concorda que existem aquelas que não podem ser sempre substituídas em todo e qualquer contexto, usando como parâmetro a equivalência entre os significados. A este último tipo, ele nomeia sinonímia completa.

A sinonímia pode ser parcial, em conformidade com o contexto, segundo Câmara Jr. (1979). Nela, existem necessariamente coincidências múltiplas e a equivalência significativa de duas ou mais lexias é possível numa dada situação linguística, onde só funciona uma parte do campo semântico que cada palavra abarca.

Collinson (in Ullmann, 1970) esquematizou nove diferenças mais típicas entre os sinônimos. Um sinônimo pode ser distinguido de outro se for: mais geral, mais intenso, mais emotivo, mais profissional, mais literário, mais dialetal, mais coloquial, se pertencer à linguagem mais infantil ou implicar em aprovação ou censura moral.

Para saber se uma palavra é sinônima de outra, um dos métodos é a substituição dela por um antônimo. Assim como não existem sinônimos perfeitos, os antônimos não podem também ser. Outra forma de diferenciá-los é agrupá-los numa série em que os significados e tonalidades distintivas se darão através do contraste, como exemplo, palavras *aloji* (pênis), *bimba* (pênis de criança), *manjuba* (pênis grande). O melhor método para a delimitação de sinônimos, segundo Ullmann (1970), é o teste de substituição. Este é baseado em um dos processos fundamentais da linguística moderna, revelando se são permutáveis e em que medida. Se as palavras podem ser substituídas em determinado contexto ou, se em outro, elas não podem. Exemplo nosso são as lexias *tabaco* (vulva), *fiofó* (ânus), *cuobó* (vulva ou ânus). Pode-se substituir *cuobó* por *tabaco* ou *fiofó*, mas não pode sempre substituir *tabaco* ou *fiofó* por *cuobó*, pois a lexia *cuobó* possui as duas significações (vulva e ânus), mas *tabaco* (vulva) e *fiofó* (ânus) possuem uma só significação cada uma.

A escolha de uma ou outra lexia dependerá de alguns fatores. Ilari (2002) aponta fatores como a fidelidade às características regionais da fala, a preocupação de ressaltar diferenças de sentido e entre objetos de que se fala. Como exemplo da fidelidade às características regionais da fala, a palavra *binga* pode servir como

sinônimo de *chibata* para um soteropolitano, por estas serem faladas pela população de Salvador, enquanto que *aloji*, embora tenha a mesma significação, só será entendida por pessoas ligadas ao candomblé jeje-mina por esta pertencer à linguagem do povo de santo. Quanto à preocupação de ressaltar diferenças de sentido, podemos exemplificar com a palavra *manjuba*, que embora também designe *pênis*, refere-se a um de tamanho grande.

Outros fatores linguísticos e extralinguísticos são apontados por Bakhtin (1995) pela escolha de determinada lexia em vez de outra. As lexias fazem parte de um sistema linguístico complexo que compõe determinada língua e não são o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes. Certas lexias são usadas e outras não, conforme a época, os grupos sociais ou o contexto. O autor desmistifica a existência de eternas formas linguísticas antigas estabelecidas, atestando a relativa força ou fraqueza de tendências na interorientação social de uma comunidade de falantes. Se, uma forma qualquer se encontra relegada a segundo plano, isto testemunha então a favor do fato de que as tendências dominantes da compreensão e da apreciação da enunciação têm dificuldade em manifestar-se sob essas formas, pois estas últimas as freiam, não lhes deixando campo suficiente. Exemplo nosso é a lexia de origem do grupo banto *bunda*, que segundo Castro (2001) já foi estigmatizada e somente era aceita socialmente pelos seus falantes, a sua correlata portuguesa *nádegas* que se originou do latim vulgar *natica*. Hoje, a lexia *bunda* já é aceita e usada comumente no Brasil.

A partir do que foi dito, podemos perceber que o sentido da lexia também pode ser fruto das relações do indivíduo com o seu meio social. O papel da lexia é de material semiótico da vida interior, que Bakhtin (1995) chama de discurso interior. Através das lexias, o indivíduo se comunica socialmente e escolhe ideologicamente certas lexias e não outras. A lexia é usada para representar o mundo interior ao exterior do falante e sofre determinadas mutações semânticas. Algumas dessas mudanças são de ordem polissêmica ou homonímica.

As lexias negroafricanas da linguagem de santo sofrem determinadas mutações semânticas influenciadas pelo contexto sociocultural. As lexias, segundo Ullmann (1970), podem possuir polivalência no seu significado, ou seja, em

contextos divergentes, a mesma lexia possui diferentes significações. Essa situação é conhecida por polissemia. Exemplo nosso é a lexia do grupo banto *malaca* que pode significar, de acordo com o contexto, *testículo* ou *ovos de galinha*, ambos substantivos.

Duas ou mais lexias podem possuir o som idêntico, mas diferentes significações. Esta situação é conhecida por homonímia (Ullmann). Exemplo nosso é a lexia do grupo banto *bode* que pode significar enquanto substantivo, uma espécie de animal comum na África e no Brasil, ou ainda ter a função de adjetivo, para designar o período menstrual feminino.

A diferença entre polissemia e homonímia, segundo Ullmann (1970), está basicamente na relação de significados que as lexias possuem. Na polissemia, a lexia pode causar certa dúvida quanto a sua significação, pois tem uma relação próxima de significação. O receptor só desfará a ambiguidade do seu significado no contexto em que essa lexia aparecer. Segundo Biderman (1978, p.128): “homônimos são palavras que têm formas idênticas mas que expressam conteúdos distintos. Em outras palavras: significantes idênticos se referem a significados diferentes”. Na polissemia, há existência de um traço comum de significação entre sentidos diversos de uma mesma palavra. Exemplo nosso de polissemia é a lexia *furo* que tanto significa *vagina* como *ânus* na língua portuguesa. Exemplo de homonímia é *dindim*, que veio do *kikongo* com a significação de *clitóris*. Hoje *dindim* é usado com a significação além de *clitóris* como *dinheiro*.

Outro fator distintivo entre polissemia e homonímia, segundo Ullmann (1970), é que as lexias provêm de origem diferente, sendo que a etimologia delas é que vai distinguir uma da outra. Exemplo nosso, são as lexias do grupo banto *babaca* e *tabaca* que são consideradas como homonímia porque possuem o mesmo étimo, e são originadas da mesma lexia *mabaka* das línguas *kikongo* e *kimbundo*.

Além deste fator distintivo, as lexias negroafricanas na Bahia, segundo Castro (2001), passam por uma adaptação morfossintática mais do que fonológica. Visto que existe a proximidade entre o modelo estrutural de línguas do grupo banto e kwa com o português falado no Brasil. Por esse motivo, muitos dos falantes do português do Brasil pensam que as lexias são de origem portuguesa. Elas são tão integradas

ao sistema linguístico que são objetos dos mais diversos tipos de formações híbridas e de decalques.

Na língua portuguesa no Brasil, muitas lexias negroafricanas substituíram por completo lexias da língua portuguesa em Portugal. A influência sociológica da mulher negra que desempenhava o papel de mãe-preta na época colonial foi uma das principais razões deste fato (CASTRO, 2001). Como exemplo, podemos citar a palavra *caçula*, ‘filho mais novo’, de origem do grupo banto. O seu correlato em Portugal é *benjamim*. Esta lexia portuguesa também faz parte do vocabulário do português do Brasil, mas possui uma significação muito diferente da **lexia** de Portugal referindo-se, no Brasil, a uma peça que serve para adaptar as tomadas aos interceptores de corrente elétrica.

Ulmann (1970) diz que a polissemia pode causar conflito de significações. Se uma lexia possui uma determinada significação e esta mesma lexia desenvolve um sentido desagradável com fortes tonalidades emotivas, poderá acontecer desta nova significação substituir a anterior.

Algumas lexias são usadas como termos pejorativos e de cunho anti-religioso por força do parâmetro sociologicamente postulado pelo cristianismo. São frutos de estigmatização linguística e social. Exemplo nosso deste tipo de polissemia são a lexia *ebó*, da língua *kwa*, e *bozó*, de origem do grupo banto. Ambas significam *oferenda*. Em língua portuguesa no Brasil, ainda existe a lexia *despacho* com a mesma significação. Estas oferendas, geralmente pipocas, farofa de dendê, garrafa de cachaça, um galo e entre outros elementos, são geralmente despachadas em encruzilhadas de ruas ou logradouros públicos. Estas lexias são usadas de forma pejorativa por pessoas que possuem preconceito quanto às religiões de matrizes negroafricanas.

Por conta deste estigma criado por pessoas que rejeitam essas religiões, algumas lexias têm significação modificada a partir de sua origem religiosa. A significação cristã, hoje adotada entre os evangélicos no Brasil, é dada a *Exu*²⁷ como um ser maléfico vestido de capa preta e vermelha portando um tridente e que tem como correspondente no cristianismo o diabo.

²⁷ Orixá venerado nos candomblés como aquele que faz a comunicação entre os mortais e os deuses.

Outra lexia vítima deste estigma é *pombajira*, uma entidade de origem do grupo banto, uma recriação brasileira do gênero feminino. Muitos pensam ser uma mensageira desvairada, por possuir fonossemântica semelhante em seu radical com as palavras portuguesas *pomba* (a ave) e *gira* (amalucada) e acreditam que esta é uma divindade do mal por desconhecerem ou terem preconceito contra as religiões negroafricanas.

Segundo Castro (2001), outro termo usado na língua de santo que passou a ser usado na linguagem popular brasileira é o termo do grupo banto *xibungo*²⁸ ou *quibungo*, que significa em português *pederasta*. Muitas mães africanas falam aos seus filhos pequenos que se eles não se comportarem o *xibungo* irá pegá-los, assim como muitas mães baianas o fazem. Este lexema é visto de forma depreciativa no Brasil, usado na linguagem popular para diminuir alguém moralmente em determinadas situações de maneira ostensivamente insultuosa chamando-o de *seu xibungo* ou, até mesmo sarcasticamente, de *seu xibunguinho*. Ainda segundo Castro (2001), há conexão deste ser fantástico com a lenda do lobisomem, viva na crença do povo do Recôncavo de que negro-velho se transforma em *lobisomem* ou *quibungo*, uma tradição também do imaginário africano.

Devido a essa grande riqueza de lexias negroafricanas, os estudos lexicais fazem-se necessários para compreender melhor a língua portuguesa no Brasil. Através destes estudos, é possível também entender as divergentes culturas que compõem o heterogêneo mosaico linguístico brasileiro, pois estas lexias fazem parte do patrimônio do povo e cada uma delas possui o seu significado próprio de acordo com a época, o grupo social e o momento em que está sendo utilizada. Estudar o léxico negroafricano é abrir possibilidades de conhecer mais um pouco da história social do povo brasileiro e revelar estas palavras que circulam no dia a dia da população brasileira e fazem parte do patrimônio cultural deste povo herdeiro deste riquíssimo legado linguístico negroafricano.

²⁸ Oriundo do étimo banto "mbungu.

4 O VOCABULÁRIO DA SEXUALIDADE

4.1 A CONTRIBUIÇÃO NEGROAFRICANA

São inúmeras as contribuições dos negroafricanos para a formação do português do Brasil e para a cultura do povo brasileiro. Isso se pode perceber em todos os estados do país, em maior ou menor proporção. A herança africana está, portanto, presente em vários aspectos da vida brasileira: no próprio tipo humano, no caráter, na língua, na arte, na religião, na culinária, no folclore, na música, na dança, nas manifestações lúdicas, no comportamento social, na medicina popular, etc. (HENCKEL, 2005).

Mendonça (1973), afirma que o contato íntimo e prolongado entre negros e brancos motivou a mestiçagem. A união consanguínea entre as duas raças resultou no mulato que se agregou à vida na casa grande, ocupada pelos moleques de recado, as mucamas, escravas concubinas e negros que tinham filhos com as filhas dos senhores. Muitos lexemas tidos como termos chulos vieram do falar coloquial daqueles negros.

Henckel (2005) apresenta uma classificação quanto à competência linguística dos negros originários da África em três grupos: o primeiro, constituído por ladinos ou escravizados que aprendiam e falavam o português básico para fins práticos e elementares, uma vez que este idioma foi a língua franca da costa ocidental africana do século XV ao XVIII; o segundo grupo, chamado de boçais, constituído por

aloglotas africanos totalmente alheios à língua portuguesa que aprendiam a língua geral da localidade onde se encontravam no Brasil para se comunicar com os que aqui já estavam; o terceiro grupo era o dos crioulos, filhos de mães africanas, negros escravizados que nasciam no Brasil e tinham a língua portuguesa como língua materna.

A grande densidade populacional de negroafricanos no Brasil foi fator determinante para a forte integração das línguas africanas ao português. A maioria dos homens negros foi forçada a trabalhar na agricultura e nas minas, enquanto as mulheres escravizadas ficavam encarregadas dos afazeres domésticos na casa-grande, assumindo as funções de ama-de-leite, mucama e cozinheira. O contato sociolinguístico da mulher negra com as famílias dos senhores de engenho possibilitou uma mistura de raças e de línguas.

As mães de leite, mães negras, amas ou amas-secas exerceram grande importância na formação linguística e cultural do português do Brasil, uma vez que, criavam “os filhos dos senhores brancos, os “yoyôs” e as sinhás ” (HENCKEL, 2005). Essas mulheres negras criavam laços de afetividade através do cantar e contar histórias, facilitando a inserção de lexis negroafricanas no falar das crianças que cuidavam. A influência delas foi tão grande que até mesmo palavras como *caçula* substituíram por completo as de origem portuguesa, no caso, *benjamin* (CASTRO, 2001).

As mucamas, segundo Silva (2001), espécie de damas de companhia e confidentes das sinhazinhas, muitas vezes, obrigadas a assumir o posto de amantes dos senhores de engenho, exerceram sua influência linguística junto às *yayás* (moças brancas) e aos donos da fazenda nas longas horas de conversas estabelecidas. As cozinheiras, neste processo de inserção linguística, além de introduzirem vários condimentos africanos com seus respectivos nomes, também eram companheiras de longas conversas com as donas da casa grande. Algumas dessas cozinheiras ou amas-secas desempenhavam uma função muito importante fora da casa grande, a de ialorixá ou mãe de santo, líder afro-religiosa que também cumpriu um papel sociolinguístico relevante, com autoridade igual ao do babalorixá

ou *tatalorixá*²⁹ (*pai de santo*). Estas mulheres exerciam sua liderança religiosa junto aos negros africanos e aos demais seguidores das religiões da África. Donas de profundo conhecimento religioso, elas lideravam os cultos aos orixás, transmitindo principalmente as culturas e palavras negroafricanas. Parte desses saberes religiosos também era compartilhada com os brancos que, mesmo de maioria católica, tinham curiosidade sobre as cerimônias religiosas dos negros.

Como legado deixado pela África no Brasil, segundo Silva (2001), boa parte da sociedade só percebe o que não se pode negar: a cor da pele. Assim como a cor, quase tudo associado aos negros é visto ainda por muitas pessoas de maneira depreciativa: o candomblé, a umbanda, o afoxé, a capoeira, até mesmo as comidas são vistas como exóticas e apimentadas demais, como se não fizessem parte também da cultura do povo brasileiro. Até mesmo as contribuições que as línguas negroafricanas trouxeram para o português foram totalmente ignoradas pela maior parte da sociedade brasileira.

De acordo com Castro (1983), há uma grande resistência para tratar de questões relativas às línguas negroafricanas no Brasil. Um dos pontos de resistências é o prestígio atribuído à escrita em detrimento da oralidade, a partir de uma ideologia vigente no mundo ocidental, que sempre privilegiou o ler e o escrever e subestimou a linguagem oral, tendo como menos importante esta milenar arte do falar e do ouvir. Esta ideologia serviu para estigmatizar as lexias provenientes das línguas negroafricanas por serem basicamente de tradição oral e fez com que os europeus impusessem sua língua, alegando que os outros povos ali presentes eram portadores de cultura inferior ou até mesmo desprovidos de qualquer tipo de cultura. Esse argumento serviu de base para os colonizadores afirmarem que índios e negros não tinham alma e se valeram disso para justificar todo processo de escravidão e sofrimento que impuseram a esses povos.

Lucchesi (2009) afirma que os africanos foram obrigados a aprender o português como segunda língua em situações bastante adversas de trabalho forçado na lavoura e nas minas. Os escravizados que nasciam no Brasil, filhos de

²⁹ A lexia *babalorixá* é usada nas nações nagô-queto, e a *tatalorixá* nas nações congo-angola. Ambas possuem a mesma significação.

africanos, adquiriam o português como língua materna a partir do modelo imperfeito de português falado como segunda língua pelos adultos.

Os escravizados aprendiam a língua geral de base banto para se comunicar com os seus companheiros a fim de estabelecer uma organização entre si. Esses negros, gradativamente, iam deixando de lado suas línguas maternas que, com o passar do tempo, caíam no esquecimento, sendo substituídas pela língua portuguesa e pela língua geral de base do grupo banto, na maior parte do Brasil, e de base ioruba, em Salvador na Bahia (RODRIGUES, 1932).

Os escravizados sofreram uma tentativa de mutilação linguística, pois não podiam se comunicar em sua língua materna. Eram forçados a aprender o português para falar com os senhores brancos, com os mestiços e com os negros crioulos, assim como apreender uma cultura bem diferente da sua. De acordo com Henckel (2005), a política linguística adotada pelos portugueses no período escravista poderia ser chamada de *glotocida* ou *glotofágica*, pois tinha por finalidade evitar a comunicação em línguas africanas no Brasil. Para isso, os senhores brancos evitavam o máximo possível o contato entre estes escravizados a fim de impedir a sua organização em movimentos rebeldes contra os seus senhores. A língua se tornava assim mais uma barreira para a comunicação entre os grupos e sua organização libertária.

Também é mencionado por Castro (2001) o preconceito que levou certas línguas negroafricanas a serem estudadas e outras não. Os escravizados sudaneses possuíam práticas mais avançadas que os do grupo banto. Enquanto os iorubás usavam tecidos, os negros bantos se vestiam de cascas de árvores. Contudo, o avanço tecnológico dos iorubás não repercutiu em predominância linguística. As línguas do grupo banto foram as que mais contribuíram com o português no Brasil, pois os africanos desse grupo vieram em número maior que os iorubás e foram levados para diversas regiões do Brasil, contribuindo assim com lexis utilizadas em diversos contextos e modificando o português europeu nas terras brasileiras. Além disso, a língua iorubá também possui sistema de escrita, sendo assim mais estudada que as demais.

No conflito sociolinguístico, houve uma demarcação entre as lexis portuguesas aceitas socialmente e as de origens negroafricanas marginalizadas,

pois a estrutura do poder se reflete na linguagem, privilegiando palavras ou expressões.

As diferenças sociolinguísticas no Brasil criaram as linguagens de classe que refletiram na eleição de vocábulos com maior ou menor prestígio ao longo da história. As lexias são usadas por determinados grupos sociais que utilizam certas formas e rejeitam outras por questões sociais. Muitas lexias de origem negroafricana tiveram sua significação modificada e passaram a ter cunho pejorativo.

Segundo Araripe (1999, p. 25-26) "... em todo o Nordeste brasileiro, um dos nomes usuais para prostituta é com certeza o vulgar *quenga*³⁰, proveniente do *quimbundo kena* ou *kienga*, que percorreu amenos significados antes de metaforizar-se em *puta*³¹...". *Quenga* era uma espécie de vasilha, feita com metade da casca de coco sem o seu conteúdo. Depois, na Bahia, teria essa lexia adquirido o significado de *guisado de galinha com quiabo*, sendo assim, passou por extensão a ser o nome do alimento que se comia na própria *quenga*. Ruy Castro (1995) registrava em sua obra o desprestígio social deste prato³². Denominou-se depois de *quengo*, o conteúdo do coco e estendeu-se o nome à cabeça de uma pessoa que se queria desprestigiar, passando a designar as mulheres que se prostituíam. Pelo processo analógico, "o nome "quenga"³³, quer como recipiente de alimento do negro escravo quer como o próprio alimento do negro escravo, está identificado como *coisa ordinária, inferior ou de nenhum valor*³⁴ (ARARIPE, 1999), pois o alimento sem valor é relacionado mentalmente com a pessoa desprestigiada socialmente que é a *quenga*.

A palavra *adé* é utilizada na Bahia e por alguns iniciados no Candomblé no Rio de Janeiro. Esta lexia, que significa *homossexual*, é a forma reduzida de *adéfontó*, termo de origem *iorubá* (MAIOR, 1980). Fonseca (1983) diz que esta palavra é oriunda da lexia iorubana *darayá*, que significa *estar alegre* ou *fazer exercícios físicos*. *Adé* foi registrado por Jô Soares (1995), em sua obra *O Xangô de*

³⁰ Grifo do autor.

³¹ Marcação do autor em itálico.

³² "Garrincha convidou Paulo Mendes Campos a almoçar em sua casa e ordenou a Nair: "Mande fazer uma galinha com quiabo, que amanhã vou trazer um escritor para almoçar". Nair reagiu: "Galinha com quiabo? Onde já se viu, servir isso a um escritor! Tem que ser uma macarronada no mínimo". (CASTRO, 1995, p. 232).

³³ Grifo do autor.

³⁴ Grifo do autor.

*Baker Street*³⁵ na qual utiliza essa lexia no sentido de homossexual. Bastide (1945) faz a correlação entre *adé* com outra lexia negroafricana *adê*, que significa *coroa* na língua *fon* e *gorro de mulher* em *iorubá*. Castro (2001) diz que esta coroa é usada por dois orixás femininos em cerimônias religiosas: *Oxum* e *Nanã*.

A lexia *chibungo* possui, segundo Carneiro (1951), dupla origem, uma delas que veio do vocábulo do *iorubá* *mbungo*, o qual denominava o rinoceronte, a outra é que veio do termo *quibungo*, palavra que se formou do prefixo aumentativo *ki* com a palavra *mbungu* que significa em português *lobo*. O *quibungo* é “um bicho meio homem, meio animal, tendo uma cabeça muito grande e um buraco no meio das costas, que se abre quando ele abaixa a cabeça e fecha quando levanta. Come os meninos abaixando a cabeça...” (RODRIGUES, 1932, p.322).

Na evolução semântica, o vocábulo *quibungo* foi substituído por *chibungo* na Bahia. Ele se originou do termo banto *kibungu* que, em *kikongo* e *kimbundo*, significa urinol, latrina³⁶. Essa lexia foi interligada com o termo *cabungo* que nomeia os carregadores dos baldes de despejos, das imundices atiradas às marinhas. Dos carregadores, o termo se estendeu aos urinóis e depois às costas do *quibungo*. No processo analógico, esta lexia nomeou também o homossexual masculino passivo, fruto do preconceito social para o linguístico, pois esta palavra serve também como termo pejorativo para denominar o homossexual (RAMOS, 1935).

A lexia usada pelos africanos na época colonial para designar as pessoas que se relacionam sexualmente com as do mesmo sexo, segundo Araripe (1999), era *jimbadas*, sendo registrada pelos visitantes do Santo Ofício, nos tribunais instalados na Bahia e em Pernambuco. A relação entre *jimbada* e *chibungo*, ainda segundo Araripe, talvez se dê pela relação com a palavra *jumbungo*³⁷, do grupo banto que significa *dinheiro*. Os *jimbadas*, “... em Angola e no Congo, eram os *somitigos pacientes*³⁸ que se ofereciam por dinheiro. Aqui, como lá, um pano vermelho em volta da cintura, anunciavam sua condição de profissionais do sexo a eventuais interessados” (ARARIPE, 1999, p. 123). Estas relações polissêmicas e

³⁵ “...é um exu-fêmea, um demônio com jeito de mulher-dama. Só costumava baixar nas mulheres ou então em... esse moço é *adé*?” (SOARES, 1995, p. 305)

³⁶ As etimologias destas palavras foram retiradas de Castro (2001, p. 184).

³⁷ Retirada a etimologia do termo *jubungo* em Castro (2001, p. 260).

³⁸ Grifo do autor.

polifônicas podem ter como resultado dos termos *quibungo* ou *jumbadas* de origem africana, o termo pejorativo brasileiro *chibungo*.

O conflito étnico, que compôs a ancestralidade da língua portuguesa no Brasil, contribuiu para forjar as características antropológicas do português brasileiro e as variadas lexias oriundas de etnias, culturas e línguas diferentes. As diferenças sociais criaram as linguagens de classes que resultaram em divergentes usos de lexias. Estas estão sempre em transformação, refletindo a dinâmica de toda e qualquer língua que é a de transitar em vários níveis linguísticos e sociais.

4.2 O VOCABULÁRIO DA SEXUALIDADE

Segundo Castro (1983), uma das características principais de toda a família Niger-Congo é a utilização dos prefixos. As línguas do grupo banto possuem o sistema mais bem elaborado. Esse sistema é dividido em 19 classes herdadas do protobanto. Todo substantivo é enquadrado em determinada classe que tem em comum o mesmo prefixo. As palavras relacionadas a esses substantivos (adjetivos, pronomes, verbos) concordam com eles através dos mesmos prefixos. A maioria destas classes é representada em pares de prefixos. Estes exprimem oposição (singular x plural, aumentativo x diminutivo) ou o locativo, o infinitivo dos verbos, depreciativo. Por exemplo, algumas lexias conservam o prefixo *ku*, da classe do infinitivo verbal das línguas do grupo banto, grafado *cu* em português, como na palavra *cunena*, formada de *cu* (marca de infinitivo)+*nena* (fezes), significando *defecar* em português.

O prefixo *ki*, diminutivo ou aumentativo, que tem como variante *shi*, grafado em português *xi* com a alteração fonêmica *shi*, aparece em alguns lexemas. A palavra do kikongo *njila* (caminho) vai resultar no empréstimo baiano *quijila* (grande caminho). Outros exemplos são *quibata*, *quinti*, *quirica*, *quiuroto* e *xibiu*. A variante *xi*, depreciativo, aparece na palavra *xibungo*, que recebeu a significação no Brasil de homossexual.

O prefixo *ka*, marca de diminutivo, também está presente em algumas lexias. Como exemplo destas, temos a palavra *kabasu* do *kikongo* e *kimbundo* que em português passou para *cabaço* com a mesma significação.

A lexia do iorubá *bajé-cossi* < *bàjé kòsi*, é composta de duas palavras: *bajé* ‘menstruação’ e *cossi* ‘não existe’. No Brasil, a lexia, utilizada pelo povo de santo, passou a designar a mulher velha, idosa, talvez por esta não possuir mais o ciclo menstrual.

Convém ressaltar três palavras que designam lesbianismo, que, apesar de não serem de origem negroafricana e por isso não foram colocadas neste trabalho, compõem o *corpus* de base: *bater-sabão*, *plantar roça* e *ralar-côco*. Todas são formações brasileiras³⁹ faladas pelo povo de santo.

Algumas palavras possuem mais de uma significação. Exemplo disto é a palavra *atim*, originada do *kikongo anti* e do *fon àtín*, que pode significar tanto defecar quanto urinar no mato ou em latrinas improvisadas do lado de fora dos terreiros onde não existem sanitários.

Outras lexias também significam partes do corpo distintas, como os exemplos de *cuobó*, *furo*, *obô* e *sundo*. Estas lexias podem ser usadas com o significado de vulva ou de ânus.

Há uma tendência muito grande de transformar os ditongos em monotongos em algumas palavras de formação brasileira. Como exemplo, a forma derivada macumbeiro, oriundo da lexia do grupo banto *mackuba* (reza, invocação), perde a vogal *i* do ditongo e é pronunciado como *macumbero*. Seguem este mesmo padrão, *cabunge(i)ra*, *caborje(i)ro*, *banguele(i)ro*.

A lexia *mbunda* introduzida pelos povos do grupo banto se adaptou às regras morfofonéticas da língua portuguesa em *bunda*, pois segundo Mendonça (1973), as palavras iniciadas com *mb*, na passagem para o português, perderam a consoante *m*, como no caso de *mbunda*, mas também algumas ganharam uma vogal, como exemplo a palavra *mbundo* passou a ser *ambundo*⁴⁰.

³⁹ Segundo Castro (2001), formação brasileira são palavras híbridas, decalques ou derivados que foram criadas aqui no Brasil e são usadas nas Casas de Candomblé pelos membros destas.

⁴⁰ *Ambundo* é o povo que fala a língua *quimbundo*.

“As ancas brancas eram nádegas, então que as ancas negras, as ancas claramente mestiças e as ancas da ralé em geral ficassem com *mbunda* ou simplesmente *bunda*⁴¹..”(ARARIPE, 1999, p.77) . O autor ressalta que a forma *nádegas* era usada por uma determinada classe social, enquanto *bunda* por outra, popularizada. O termo *bunda* é bem mais usado popularmente, como refere Araripe (1999, p. 158): “... é o caso corrente entre *bunda* e *nádegas*. A primeira é uma realidade que entra pela janela e cai na sala de visitas de quem lhe fechou a porta social, enquanto que a segunda sai, discreta, pela porta dos fundos”. O autor aponta o termo *bumbum* como um meio termo entre *nádegas* e *bunda*, pois possui uma carga mais leve aos ouvidos. Araripe (1999) diz que a lexia *bunda* era tida com cunho pejorativo no século XIX, mas que no final do século XX, ela vai ter outra significação na linguagem popular, tendo a aceitação como uma palavra corrente, sem causar constrangimentos.

A palavra *bunda* deu origem a várias lexias como *bundaça*, *bundada*, *bundudo*, *bundão*, *bunda-mole*, *bunda-suja*, *bundona*, *bunduda*, *pano de bunda*, *bunda de tanajura* (CASTRO, 2001). Esta substituiu no Brasil, o seu equivalente em Portugal, *cuzinho*, termo utilizado naturalmente nesta região, sem constrangimento.

Enfim, no *corpus* deste trabalho, foram encontradas cento e quinze lexias negroafricanas relacionadas à sexualidade. Destas, oitenta e seis são de origem banto, quatorze do grupo iorubóide e quinze do grupo kwa. Algumas dessas lexias são das duas origens, ou seja, *kikongo/urubá* ou *kikongo/fon*,

Encontramos um número expressivo de lexias negroafricanas referentes à sexualidade que integraram-se ao português falado do Brasil na sua morfologia, sintaxe e acrescentou ao léxico um grande número de palavras que até hoje são usadas.

4.3 O CORPUS DE BASE

⁴¹ Grifos do autor.

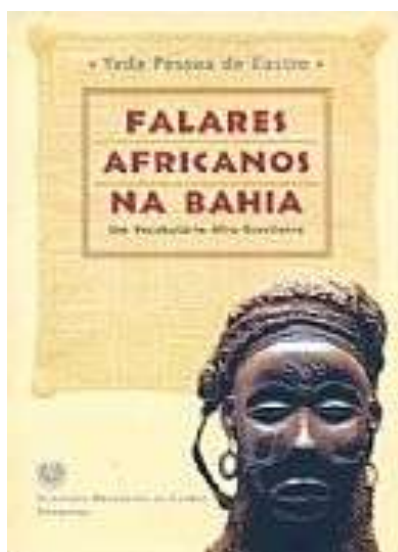


Figura 8- Capa do livro *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*⁴².

O *corpus* de base deste trabalho é o livro *Falares Africanos da Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, editado pela Academia de Letras da Bahia pela Topbooks Editora no ano de dois mil e um, de autoria de Yeda de Castro, nascida em Salvador, Bahia⁴³. Esta obra é considerada, em todas as partes, como uma renovação nos estudos negroafricanos no Brasil por descobrir a extensão da contribuição do grupo banto e introduzir a participação de falantes africanos na formação do português brasileiro.

O livro foi resultado de cerca de quarenta anos de pesquisas na Bahia e em países negroafricanos como o Congo, Nigéria entre outros. Na época de seu primeiro lançamento, havia os paradigmas acadêmicos alicerçados etimologicamente de que o português falado no Brasil resultava de pequena ou quase nenhuma contribuição das línguas negroafricanas. Esta obra elucidou a tese de que o português do Brasil é o resultado de contribuições marcantes das línguas

⁴² In: <http://www.academia.org.br>. Acessado em 12 janeiro 2013.

⁴³ Yeda de Castro é doutora em Línguas Africanas pela Universidade Nacional do Zaire, membro da Academia de Letras da Bahia e possui vários trabalhos publicados sobre relações culturais e linguísticas entre o Brasil e a África. A importância das suas pesquisas mereceu reconhecimento internacional.

negroafricanas na morfossintaxe, fonética, léxico que contribuíram na formação dos hábitos e costumes da população brasileira.

Nesta obra, a autora afirma que o português falado no Brasil foi modelado pelas línguas negroafricanas e adquiriu uma estrutura sintagmática, fonológica e semântica com relevante peculiaridade.

O livro é dividido em apresentação, introdução, quatro capítulos e a bibliografia. Na apresentação, Luís Beltran apresenta o exaustivo compromisso da autora em verificar as hipóteses etimológicas de vocábulos negroafricanos falados no Brasil e a contribuição linguística da obra como um estudo pioneiro lexical dos aportes negroafricanos no Brasil.

Na introdução, a autora escreve sobre a metodologia, as hipóteses, análise de dados e como chegou formular a tese defendida na obra. Castro (2001) afirma a sua intenção de elaborar sua tese com dados colhidos na Bahia e confrontando-os com as lexias negroafricanas.

No primeiro capítulo, intitulado *Povos e Línguas Africanas*, é citada a importância do grupo banto, suas principais características e sua classificação feita por Greemberg e Güthrier. Ainda neste capítulo, fala-se da ligação deste grupo com o Brasil, citando as mais representativas línguas deste grupo, assim como as línguas e povos oesteafrianos.

No segundo capítulo, intitulado *A matriz africana no português do Brasil*, cita obras e autores importantes nos estudos afrobrasileiros, dos seus métodos etimológicos, das línguas negroafricanas no português do Brasil, dos fatores determinantes da contribuição destas línguas, do prestígio da escrita em detrimento da fala.

O terceiro capítulo tem como título *Níveis Socioculturais de linguagem*. A autora classifica-os em cinco: a linguagem de santo, a linguagem do povo de santo, a linguagem popular da Bahia, o português regional da Bahia e o português do Brasil. É feita uma análise sincrônica nos aspectos da integração das lexias negroafricanas através de diferentes contextos sociolinguísticos dos falares na Bahia.

O quarto capítulo, *O vocabulário*, é o que serviu de base para o levantamento lexical desta dissertação. Apresenta o levantamento de três mil quatrocentos e setenta e quatro lexias distribuídas em: negroafricanas resultantes do hibridismo, de origem portuguesa, de origem brasileira que surgiram com base em um significante ou significado negroafricano, que fazem parte do cotidiano de povo de santo e das suas práticas litúrgicas e aquelas que são peculiares ao português falado na Bahia. São mencionados nomes de línguas negroafricanas de relevante importância para a historiografia brasileira: *kikongo e kimbundo* (grupo banto), *fon* (grupo kwa) e *ioruba* (grupo iorubóide). A ordem da apresentação dos étimos negroafricanos das lexias está relacionada com a precedência histórica da introdução das línguas negroafricanas, sendo organizadas da seguinte forma: do grupo banto-*kikongo/kimbundo*, do grupo kwa- *fon* e do grupo iorubóide- *iorubá*.

Um terço aproximadamente das lexias se originam do grupo banto (mil trezentos e vinte e duas). Outro terço (mil duzentas e noventa e nove), se distribuem no grupo oesteafriano, com lexias procedentes da língua *fon* e *iorubá*. O outro terço (oitocentos e cinquenta e três) está distribuído em lexias de formações brasileiras.

Para o estudo onomasiológico em questão, foram utilizadas deste vocabulário, cento e quatro lexias negroafricanas referentes à sexualidade, não sendo colocadas as lexias de formação brasileira, por elas serem compostas por palavras de origem portuguesa.

Ainda neste capítulo, podem-se encontrar aportes que entraram para o domínio da língua portuguesa no Brasil no período colonial e no contemporâneo. No período colonial, em sua maioria, as lexias são de origem banto, sendo associadas ao regime da escravidão, como por exemplo, *mucama*; outras são referentes a partes do corpo, funções e comportamentos sexuais e ainda hoje são estigmatizadas e classificadas na categoria de gírias e termos *chulos*, como por exemplo *cabaço*, *tabaco*; algumas substituíram por completo as lexias portuguesas, como exemplo, *caçula*, *cochilar*. No contemporâneo, a maioria das lexias pertencem à linguagem religiosa das Casas de candomblé, utilizadas pelos adeptos desta religião nos rituais e cerimônias de candomblé, facilitadas seu conhecimento em razão do acesso aos cursos práticos de línguas negroafricanas, cada vez mais

frequentes, ofertados à comunidade em geral. Muitas delas são de origem *iorubá*, língua que é ensinada em várias partes do Brasil e está presente em muitas publicações no Brasil e no exterior. O mercado fonográfico também contribuiu para a disseminação destas lexias na língua portuguesa no Brasil, pois muitos compositores e cantores, pertencentes a Casas de Candomblé de *queto*, divulgaram o nome dos orixás e as palavras da linguagem de povo de santo, popularizando certas lexias negroafricanas, como por exemplo, a lexia *axé*, saudação de povo de santo, que equivale a *amém* em língua portuguesa, e que denomina um dOs mais importantes gêneros musicais originado em Salvador, Bahia e apreciados atualmente dentro e fora do Brasil, a *axé-music*.

Enfim, esta obra nos mostra as influências negroafricanas no português do Brasil e até hoje serve de referência para pesquisas que objetivam conhecer melhor o legado etnolinguístico africano e sua participação na formação cultural e no léxico do português do Brasil.

A riqueza do *corpus* apresentado nesta obra foi motivo incentivador na escolha do *corpus* apresentado nesta dissertação. Uma grande quantidade de lexias, existente na obra de Castro (2001), revela a contribuição vocabular das línguas negroafricanas em vários aspectos, como culturais, religiosos, referentes à sexualidade etc. Aqui neste trabalho, as lexias negroafricanas, referentes à sexualidade, foram selecionadas para mostrar a grande quantidade de palavras negroafricanas referentes à sexualidade que são utilizadas no português do Brasil e sua contribuição para a formação do seu vocabulário.

5 ESTUDO ONOMASIOLÓGICO DAS LEXIAS REFERENTES À SEXUALIDADE

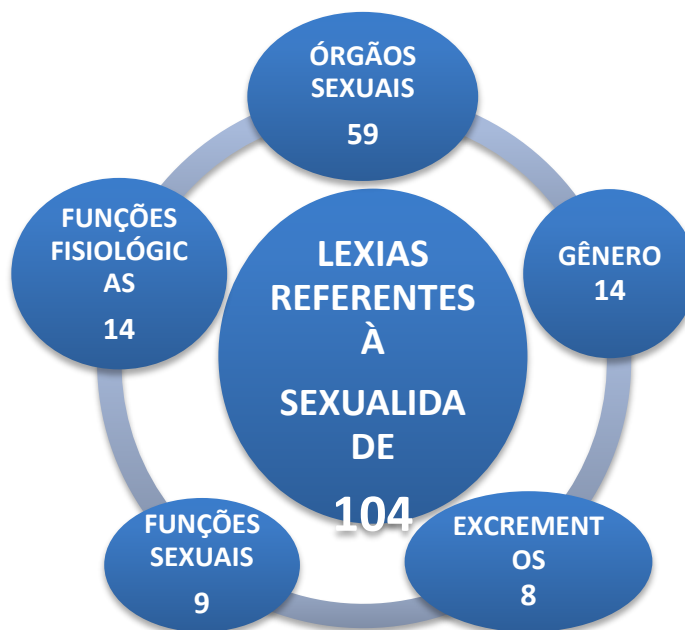


Figura 9- Fluxograma das lexias negroafricanas referentes à sexualidade.

As lexias foram organizadas de acordo com o processo da denominação, partindo de um determinado conceito ao signo, tendo como base os estudos onomasiológicos. As lexias que denominam as partes do corpo humano foram colocadas na seção *órgãos sexuais*; as que nomeiam o ato de ter relações sexuais na seção *funções sexuais*; as que denominam o homossexual masculino e feminino, na seção *gênero*; as que nomeiam as funções fisiológicas como urinar, defecar e menstruar, na seção *funções fisiológicas*; e aquelas, que denotam fezes, esperma e sangue proveniente de menstruação, em *excrementos*.

Foram encontradas cento e quatro lexias referentes à sexualidade, sendo que cinquenta e nove são referentes aos órgãos sexuais, quatorze às funções fisiológicas, quatorze aos gêneros, nove às funções sexuais e oito aos excrementos, conforme apresentado na figura 9.

A seguir as lexias aparecem nos quadros classificadas conforme as línguas negroafricanas que são faladas: *kikongo*, *kimbundo*, *kikongo/kimbundo*, *kikongo/fon*, *kikongo/ioruba*, *fon* e *ioruba*. Esta organização toma como base o resultado das lexias encontradas na figura 5, o fluxograma das origens das lexias negroafricanas, que compõe a segunda seção desta dissertação.

5.1 ÓRGÃOS SEXUAIS

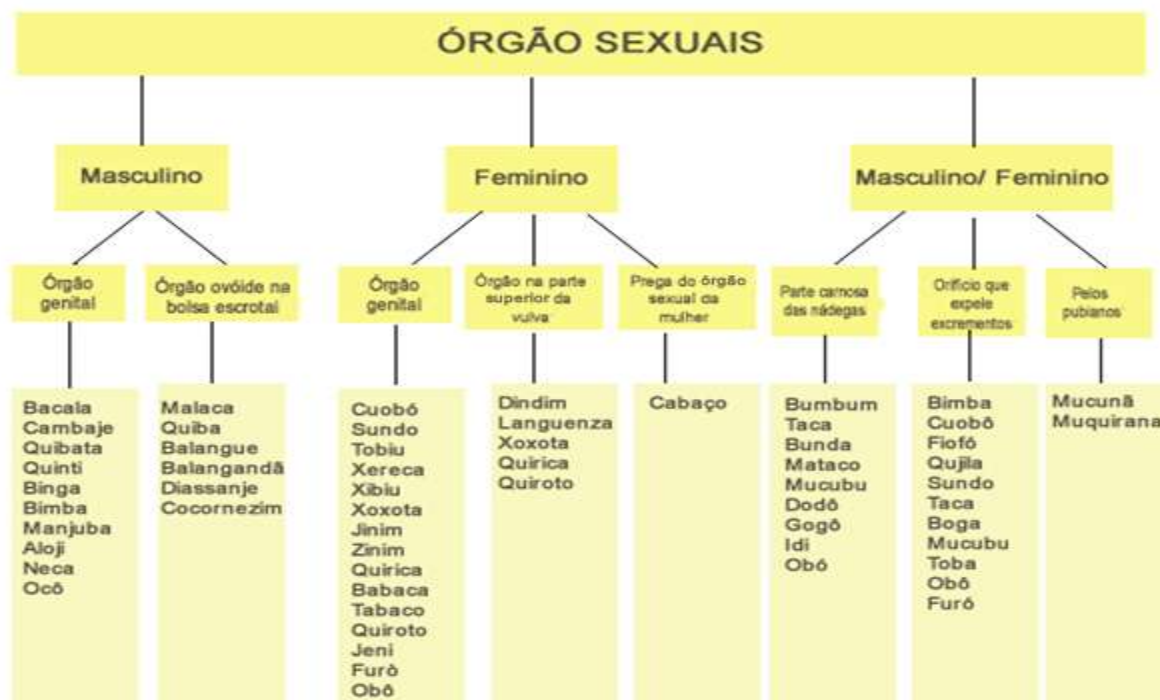


Figura 10- Fluxograma das lexias referentes aos órgãos sexuais

Nesta seção, as lexias são agrupadas de acordo com o sexo, sendo que as palavras da primeira e segunda colunas se referem às partes dos órgãos sexuais masculino, as da terceira, quarta e quinta dos órgãos sexuais feminino e as sextas, sétimas e oitavas de ambos os sexos. O masculino se subdivide em órgão genital e órgão ovóide na bolsa escrotal. O feminino em órgão genital, órgão superior da vulva e prega do órgão sexual da mulher. O masculino/feminino pertence tanto ao homem quanto à mulher, parte carnea das nádegas, orifício que expete excrementos, ânus, e pêlos pubianos.

ÓRGÃO GENITAL MASCULINO

Línguas do grupo banto:*Kikongo*BACALA (LS) *bakala*.*Kimbundo*CAMBAJE (LP) *Kambanja*.*Kikongo /Kimbundo*QUIBATA (LS) *Kibata*<bakala + port. Chibata.QUINTI (LS) . *Kinti*. Var. *quti*.BINGA (LP) *Kik. mvimba/Kimb. mbinga*BIMBA⁴⁴ (BA) Var. *bimbinha, binga, biringa*. *Kik. vimba/Kimb. jimba*,MANJUBA⁴⁵ (LP) *Kik. Manvumba /Kimb. Manjimbu*. Var. *manjuva*.**Línguas do grupo kwa:***Fon*ALOJI (LS) *alójí*.NECA (PS) *nekan*.**Língua do grupo iorubóide:***Iorubá*OCÔ (LS) *okó*.**ÓRGÃO OVÓIDE NA BOLSA ESCROTAL****Línguas do grupo banto:***Kikongo*MALACA(S) (LP)⁴⁶ *malanga*.QUIBA⁴⁷ (LP) *Kibalanga/kibata*. Var. *quimba, quimbra*.

⁴⁴ Órgão masculino considerado pequeno.⁴⁵ Órgão masculino considerado grande.⁴⁶ Também significa ovos de galinha ou ainda seios flácidos, pendentes.

Kikongo /Kimbundo

BALANGUE (PS) *Kik. mbalange/ kimb. malanga.*

BALANGANDÃ (LP) *bulanganga, balouçar < mbalanganga 'penduricalhos'.*

DIASSANJE (LS) *dyasanji*

Línguas dos grupos kwa e iorubóide:

Fon e Iorubá

COCORNEZIM (LS) *Fon koklózim/ Yor. akukoeyin. Var. corcoruezim.*

ÓRGÃO GENITAL FEMININO

Línguas do grupo banto:

Kikongo

CUOBÓ⁴⁸ (FB) (LS *Kik. kobo*

SUNDO⁴⁹ (PS) *Kik. nsúndu*

TOBIU (LP) *Ver xibiu.*

XERECA (LP) *Kik. kileka.*

XIBIU⁵⁰ (LP) *Var. tobiu. Kik. Tsubilu.*

XOXOTA (LP) *Var. xota. Kik. Kisota. .*

JINIM (LS) *Ver zinin.*

ZINIM (LS) *Var. jeni, jinim. Kik. Nzini/ njini*

Kimbundo

QUIRICA (LP) *Kimb. kijika.*

Kikongo e Kimbundo

BABACA (LP) *Kik./Kimb. .mubaki, mabaki, mabaka.*

TABACO (LP) *Var. babaca, tabaca. Kik./Kimb. Mubaki>babaki, tibáki,tibaku.*

⁴⁷ Forte, corpulento

⁴⁸ Também significa ânus.

⁴⁹ Também significa ânus.

⁵⁰ Também significa diamante pequenino.

Línguas dos grupos banto e kwa:*Kikongo e Fon*QUIROTO (LP) *Kik. Kilooto/Fon akíriboto.*JENI (LS) *Kik. Njini/Fon séli***Línguas dos grupos banto e iorubóide:***Kikongo e Iorubá*FURÓ⁵¹ (LP) *Var. furico. Kik. furi/Yor. Furó+ port. furo, orifício.***Línguas do grupo iorubóide:***Iorubá*OBÔ⁵² (LS) *Var. cuobô, obó. Yor. Òbó/óbó.***ÓRGÃO NA PARTE SUPERIOR DA VULVA⁵³****Línguas do grupo banto:***Kikongo*DINDIM (LP) *Kik. ndidi.*LANGUENZA (LP) *Kik. Lungenza*XOXOTA (LP) *Var. xota. Kik. kisota⁵⁴**Kimbundo*QUIRICA (LP) *Kimb. kijika, hímem.***Línguas dos grupos banto e kwa:***Kikongo e Fon*QUIROTO (LP) *Kik. Kiloto/Fon akíriboto.***PREGA DO ÓRGÃO SEXUAL DA MULHER⁵⁵**

⁵¹ Também significa ânus.⁵² Também significa ânus.⁵³ Clitóris.⁵⁴ Clitóris, vulva.

Línguas do grupo banto:*Kikongo e Kimbundo*CABAÇO (LP) *Kik./Kimb. kabasu.***PARTE CARNOSA DAS NÁDEGAS****Línguas do grupo banto:***Kikongo*BUMBUM (BR) *Kik. mbumbu .*TACA (FB) (LP) *Kik. kaaka**Kikongo e Kimbundo*BUNDA⁵⁶ (BR) *Kik./Kimb. mbunda*MATACO (LP) *mataku.*MUCUBU (LS) *Kik. (mu)nkumbu, mutukul/Kimb. mutumbu.***Línguas do grupo kwa:***Fon*DODÔ (LP) Var. *gogô. Fon . dodô.*GOGÔ⁵⁷ (LP) *Fon gogó.***Línguas do grupo iorubóide:***Iorubá.*IDI (LS) *Yor. idí.*OBÓ (LS) *Yor. òbó***ORIFÍCIO QUE EXPELE EXCREMENTOS****Línguas do grupo banto:***Kikongo*

⁵⁵ Hímem.⁵⁶ A palavra *bunda*, no Brasil, deu origem a várias lexias como *bundaça*, *bundada*, *bundudo*, *bundão*, *bunda-mole*, *bunda-suja*, *bundona*, *bunduda*, *pano de bunda*, *bunda de tanajura*.⁵⁷ Nádegas grandes

BIMBA (LP). *Kik. mbimba*
 CUOBÔ⁵⁸ (FB) (LS) *Kik. Kobo.*
 FIOFÓ (LP) *Kik. mfyókolo/myovo.*
 QUIJILA (LS) *Kik. njila.*
 SUNDO⁵⁹ (PS) *Kik. nsundu.*
 TACA⁶⁰ (FB) (LP) *Kik. Kaaka.*

Kikongo e Kimbundo

BOGA⁶¹ (LP) *.Kik./Kimb. mboga*
 MUCUBU (LS) *Kik. (mu)nkumbu, mutuku/Kimb. Mutumbu.*
 TOBA (LP) *Kik./Kimb. (mu)tumba.*

Línguas do grupo iorubóide:

Iorubá

OBÔ⁶² (LS) *Var. cuobô, obó. Yor. Òbó/óbó⁶³*

Línguas dos grupos banto e iorubóide:

Kikongo e Iorubá

FURÓ⁶⁴ (LP). *Var. furico. Kik. furil Yor. furó+ Port. furo, orifício.*

PÊLOS PUBIANOS

Línguas do grupo banto:

Kikongo

MUCUNÃ (LS) pêlo pubiano. Cf. *Kik. mukunda.*

MUQUIRANA⁶⁵ (BR) s.f..*Kik. (mu) nkyama.*

⁵⁸ Também significa vulva.

⁵⁹ Também significa vulva.

⁶⁰ Também significa traseiro; sentido grosseiro.

⁶¹ Também significa traseiro, geralmente de mulher.

⁶² Também significa vulva.

⁶³ Vagina.

⁶⁴ Também significa vulva.

5.2 FUNÇÕES SEXUAIS

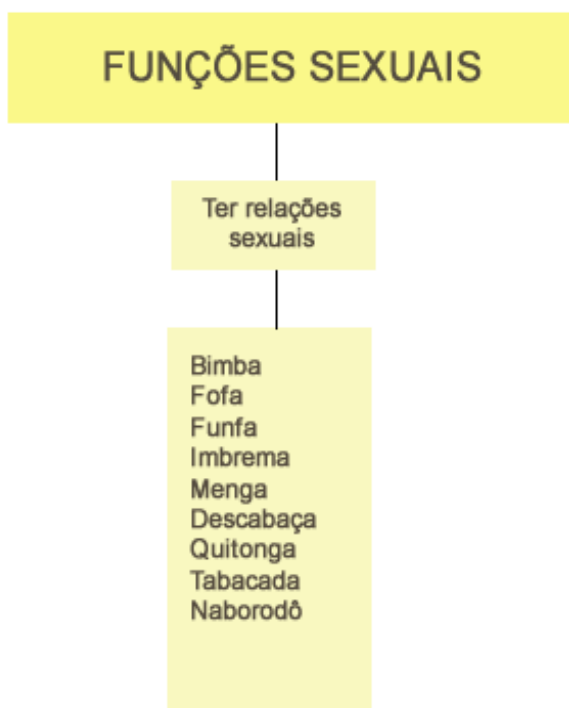


Figura 11- Fluxograma das lexias referentes às funções sexuais

Esta figura mostra as lexias negroafricanas, referentes às funções sexuais, que corresponde a ter relações sexuais.

TER RELAÇÕES SEXUAIS

Línguas do grupo Banto:

Kikongo

BIMBA (R) (FB) (LP) *Kik. ongombimba,*

FOFA⁶⁶(R) (FB)(LP) *Kik. fufa/vuva*

FUNFA(R) (LS) (LP) ⁶⁷*Kik. fufa/vuva*⁶⁸.

IMBREMA (LS) *Kik. mbelama.*

MENGA(R) (LS) *Kik. menga*⁶⁹.

⁶⁵ Também significa piolho pubiano.

⁶⁶ Originado do lexema do kikongo e kimbundo *fumfa*.

⁶⁷ Ato obsceno; fazer sexo, copular (o homem).

⁶⁸ Significa "cobrir a fêmea"

Kikongo e Kimbundo

DESCABAÇA(R)⁷⁰ (FB)(LP)⁷¹ des(port.)+ *kabasu* (Kik./Kimb.)

QUITONGA (LS) . Kik./Kimb. *Ki-,ku-tonga*.

TABACADA⁷² (FB) (LP)⁷³ Kik./Kimb. *tabaca+da*(port.)

Línguas dos grupos banto e kwa:

Kikongo e fon

NABORODÔ (LS) .Kik. *(na)sangolo* .Fon *ñonuWayo*

5.3 GÊNEROS

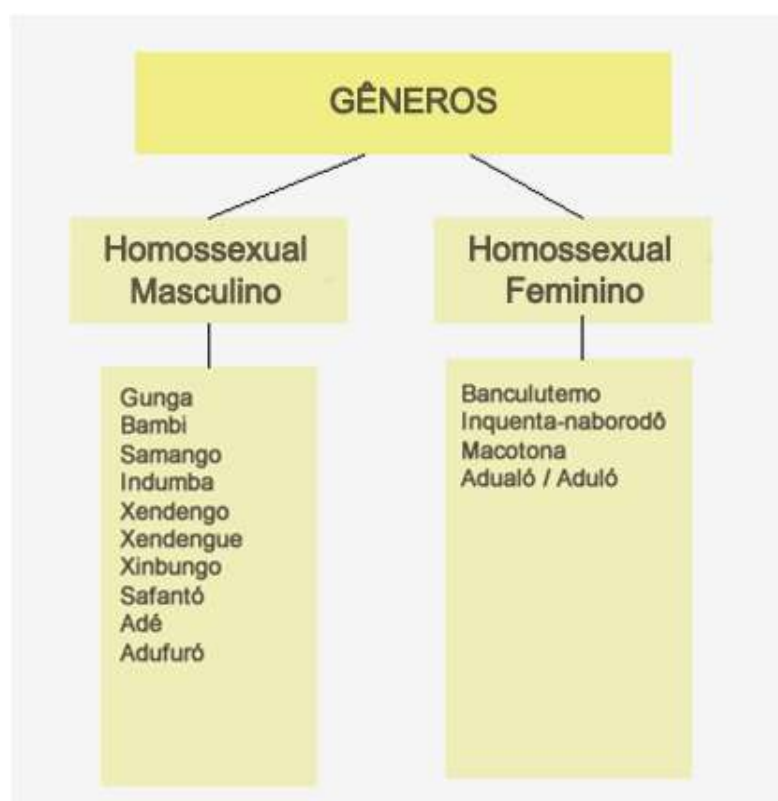


Figura 12- Fluxograma das lexias referentes aos gêneros

⁶⁹ Significa também sangrar.

⁷⁰ Também significa piolho pubiano.

⁷¹ Tirar o cabaço.

⁷² Do kikongo e kimbundo *mubaki>babaki, tibábi, tibaku*.

⁷³ O ato sexual, geralmente precedido do verbo levar. Cf. **tabaco**+port. –ada.

As lexias negroafricanas referentes ao gênero denominam o homossexual masculino e homossexual feminino.

HOMOSSEXUAL MASCULINO

Línguas do grupo banto:

Kikongo

GUNGA (PS) *Kik.ngunga*.

Kikongo e Kimbundo

BAMBI (LS) *Kik./Kimb. mbambi*.

SAMANGO⁷⁴ (LP) *Kik./Kimb. Samongu*.

INDUMBA⁷⁵ (PS) *Kik./Kimb. ndumba*, moça, adultério, impudícia.

XENDENGO (PS)

XENDENGUE (PS) *Kik./Kimb. sindenge*⁷⁶.

XIBUNGO (LP) *Kik./Kimb. tsimbungo*⁷⁷.

Línguas do grupo kwa:

Fon

SAFANTÓ (FB) (PS) . *Fon saxonton*, amigo íntimo+port. safado.

Línguas do grupo iorubóide:

Iorubá

ADÉ (PS) *Yor. ade*⁷⁸.

ADUFURÓ (PS) *Yor. àdófuro*⁷⁹

⁷⁴ Homossexual passivo.

⁷⁵ Moça, jovem prostituta.

⁷⁶ Cheio de trejeitos (pejorativo).

⁷⁷ Ente fantástico que comia crianças por um buraco que possuía nas costas.

⁷⁸ Mole, indolente

⁷⁹ Que tem relações sexuais pelo ânus.

HOMOSSEXUAL FEMININO

Línguas do grupo banto:

Kikongo

BANCULUTEMO (PS) *Kik. mbangulutema*⁸⁰.

INQUENTA-NABORODÔ (LS) *Kik. nketunsagolo*⁸¹.

Kikongo e Kimbundo

MACOTONA⁸² (FB) (PS) *Kik./Kimb. (ma)kota*

Línguas dos grupos kwa e iorubóide:

Fon e iorubá

ADUALÓ/ ADULÓ (PS) . *Fon/Yor. ádóaló*⁸³.

5.4 FUNÇÕES FISIOLÓGICAS



⁸⁰ Que possui a

⁸¹ Copular com

⁸² (pejorativo) r

⁸³ Quer fazer sexo com uma mulher, apalpando com a mão; qua conabita com uma mulher.

Figura 13- Fluxograma das lexias referentes às funções fisiológicas

EXPELIR URINA

Línguas do grupo banto:

Kikongo e Kimbundo

CUSSUÇA (LS) *Kik./Kimb. kususa.*

DARACUSSUÇA (LS) *Kik./Kimb. ndakususa.*

Línguas dos grupos banto e kwa:

Kikongo e iorubá

ATIM⁸⁴ (PS) *Kik. (a)nti/ Fon àtín.*

EXPELIR FEZES

Línguas do grupo banto:

Kikongo e Kimbundo

CUNENA (LS) *Kik./Kimb. kunena.*

DARACUNENA (LS) *Kik./Kimb. ndakunena.*

NENA (LS) *Var. cunena. . Kik./Kimb. kunena.*

Línguas do grupo kwa:

Fon

NAJADÁ (LS) . *Fon naje dà.*

Línguas dos grupos banto e kwa:

Kikongo e Fon

ATIM⁸⁵ (PS) *Kik. (a)nti/Fon àtín.*

⁸⁴ Ir defecar ou urinar no mato. Nem todas as casas têm banheiro, por isso defecar ou urinar no mato.

⁸⁵ Ir defecar ou urinar no mato. Nem todas as casas têm banheiro, por isso defecar ou urinar no mato.

MENSTRUACÃO

Línguas do grupo banto:

Kikongo

MENGUENZÁ (FB) (LS) ⁸⁶ *Kik. mengisa.*

TABURICÁ (LS) ⁸⁷. *Kik. tabikila.<tabika*⁸⁸.

Kikongo e Kimbundo

BODE (FB) (LP) Var. *boi. Kik. mbodil/Kimb. mboji.*

Línguas do grupo Kwa:

Fon

ANAJELÁ (LS) *Fon anajela.*

Línguas do grupo iorubóide:

Iorubá

BAJÉ-COSSI (LS) *Yor. bajékòsì*⁸⁹

Línguas do grupo Kwa e iorubóide:

Fon e iorubá

ABADJÉ ⁹⁰ (LS) *Fon gbájé/Yor. íbàjé*

⁸⁶ Estar menstruada e, por isso, proibida de tomar parte nas cerimônias religiosas.

⁸⁷ Deteriorar, estragar, menstruar

⁸⁸ Significa também destruir completamente.

⁸⁹ Sem menstruação

⁹⁰ Adj/v. estragada, menstruada; perder a virgindade. Yor. *Bajé/ Fon bázen*, lit. “quebrar o pote” (expressão coloquial) perder a virgindade.

5.5 EXCREMENTOS



Figura 14- Fluxograma das lexias referentes aos excrementos

Esta figura está dividida em excrementos via anal (fezes), líquido fecundante dos machos (esperma) e sangue proveniente da menstruação.

FEZES

Línguas do grupo banto

Kikongo e Kimbundo

CUNENA (LS) V. *Kik./Kimb. kunena.*

DARACUNENA (LS) *Kik./Kimb. ndakunena.*

NENA (LS) Var. *cunena.* . *Kik./Kimb. kunena.*

TITICA (LP)⁹¹ *Kik. Kimb. titika/matika.*

ESPERMA

Línguas do grupo banto:

Kikongo

MENGA⁹² (LS) *Kik. menga.*

MENGA- BRANCA (FB) (LS) Ver *Kik. menga+*. port branca.

NENHA⁹³ (LP) *Kik. Menga.*

SANGUE PROVENIENTE DA MENSTRUACÃO.

Línguas do grupo banto:

Kikongo

MENGA⁹⁴ (LS) *Kik. menga.*

⁹¹ (LP) –exp. “titica de galinha”, dito com desprezo sobre alguém ou alguma coisa.

⁹² Sangue.

⁹³ Esta formação brasileira veio do kikongo *Menga*.

⁹⁴ Sangue.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lexias negroafricanas referentes à sexualidade que vieram trazidas pelos escravizados na época colonial representam a diversidade e riqueza do legado que este imenso caldeirão de culturas e línguas chamado África deixou no Brasil. Estas palavras de línguas negroafricanas foram incorporadas ao português do Brasil e convivem com as suas correlatas portuguesas em uma soma de palavras que compõem o léxico da língua falada no Brasil. Podemos citar as lexias *bunda*, *xoxota*, *xereca*, *xibiu*, *tabaca*, de origem *banto* e *nádegas*, *vagina*, de origem portuguesa.

As línguas encontradas no *corpus* deste trabalho são do grupo *banto*, *kwa* e *iorubóide*. Das lexias apresentadas no *corpus* de base, encontramos cento e doze lexias referentes à sexualidade, demonstrando o número significativo delas na língua portuguesa do Brasil.

Destas lexias, oitenta e seis são de origem do grupo *banto*, revelando a importância deste grupo linguístico no léxico negroafricano no Brasil. Muitos especialistas como Castro (200) e Mendonça (1973) mencionam a superioridade numérica destes grupos africanos em relação aos demais que vieram a contribuir com o português do Brasil. Do grupo *iorubóide*, língua *iorubá*, encontramos treze lexias e do grupo *kwa*, língua *fon*, foram também treze. Convém ressaltar a importância dessas duas línguas na formação sociolinguística no Brasil, pois desta região vieram grandes números de negros que lutaram pela sua liberdade na época colonial em sucessivas revoltas (RODRIGUES, 1932).

Os negroafricanos oriundos de várias etnias trouxeram consigo sua língua, cultura e religião e tiveram de se adaptar à nova realidade social e linguística estabelecida.

Sabemos que a língua é veiculadora de cultura, impõe sua existência material, determina a maneira peculiar de nos expressarmos e os conteúdos do vocabulário pessoal. O vocabulário deste trabalho reflete a riqueza de lexias que representam falares, comportamentos e compõem o léxico de origem africana referente à sexualidade no português do Brasil. Muitas dessas lexias são veiculadas através das Casas de Terreiro.

A língua do povo de santo e a língua de santo contribuíram com a inserção destes aportes linguísticos. Seu sistema lexical de base negroafricana interferiu no linguajar popular do Brasil na morfologia, sintaxe, semântica e no léxico.

Registramos morfemas de língua portuguesa alterando as lexias de base negroafricana, dando um sentido novo à palavra. Podemos citar a lexia *descabaçar*, os morfemas portugueses *dês-* e *-ar* se unem à palavra do grupo *banto kabasu* que vai ser modificada na sua estrutura morfológica.

Encontramos lexias que conservaram os morfemas de origem negroafricana nas palavras deste vocabulário. Estes morfemas são comuns em muitas lexias e estão presentes na nossa língua em sua forma fonética inalterada, como é o caso dos prefixos *ku*, das línguas do grupo banto em *cunena*, *ki* em *chibata*, *ka* em *cabaço*.

O português também modificou as formas lexicais da língua de santo, pois seus aportes adaptaram-se às regras desta modalidade de português, por exemplo, eliminando a consoante nasal silábica em *njini* e *séli* da língua *fon* que resultou no Brasil em *jeni*.

Na África, algumas lexias significam partes diferentes do corpo. As lexias que designam o órgão sexual feminino e a parte traseira do corpo por onde saem as fezes são denominadas com os mesmos nomes. Estas são usadas pelo povo de santo. Exemplos são *cuobó*, *furo*, *obô* e *sundo*⁹⁵.

Esta pesquisa sobre as lexias negroafricanas relativas à sexualidade pode contribuir diretamente com a valorização dos conhecimentos locais, concebendo

⁹⁵ Significam tanto vagina quanto ânus.

uma ampliação vocabular dos termos que designam a sexualidade. O Brasil herdou essas lexias de línguas importantes para a formação do vocabulário brasileiro.

Por ter uma importância muito grande no resgate da cultura, o levantamento das palavras negroafricanas é de grande relevância para a sociedade brasileira que as utiliza, pois, através do vocabulário de um povo, pode-se resgatar sua raízes culturais.

Muitas pessoas usam estas lexias no Brasil sem ter noção de serem de origem negroafricana. Através deste levantamento lexical, acredita-se que muitos dos membros da comunidade brasileira poderão reconhecer a herança vocabular negroafricana deixada por vários séculos e que durante muito tempo sofreu tentativa de apagamento e esquecimento.

Devido a esse grande número de lexias negroafricanas relativas à sexualidade, os estudos lexicais são de relativa importância para compreender melhor a língua portuguesa no Brasil e ampliar o conhecimento do legado negroafricano. Através deles, poderemos entender as divergentes culturas que contribuíram com a formação vocabular brasileira, pois estas lexias fazem parte do patrimônio do povo brasileiro e cada uma expressa seu significado próprio de acordo com a época, o grupo social e a região em que se encontram, revelando a riqueza lexical.

Estudar o léxico negroafricano no português do Brasil é abrir possibilidades de conhecer mais um pouco da história social do povo brasileiro e revelar estas palavras que circulam no cotidiano da população brasileira e estão sendo usadas nos seus ambientes íntimos e públicos, fazendo parte da vida social dos membros da comunidade brasileira e sendo parte do patrimônio cultural deste povo. Conhecer essas lexias é uma forma de resgatar a dignidade de seu povo, sem que haja exclusão, não se tratando simplesmente de fazer um levantamento lexical, mas sim de perceber nas línguas toda sua riqueza histórica e cultural que contribuíram para a formação lexical brasileira, aqui especificamente, referente à sexualidade, mas que sabemos ser muito mais ampla.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. *O Estudo do Léxico*. In: **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006.

_____. **Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval**. Salvador: Quarteto, 2009₁.

_____. Aplicação prática da teoria dos campos lexicais. In: **O Léxico em Questão**. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2009₂.

ARARIPE, Max. **Linguagem sobre sexo no Brasil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BABINI, Maurizio. **Do conceito à palavra**: os dicionários onomasiológicos. V. 58. n. 2. São Paulo. Apr./jun. 2006.

BAKTHIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BALDINGER, K. **Teoría semántica**: hacia una semántica moderna. Madrid: Alcalá, 1970.

BASTIDE, Roger. **Imagens do Nordeste Místico em Branco e Preto**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1945.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de Filologia**. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP, p131-145, 1981.

_____. Dimensões da palavra. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**. n. 2, São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1998.

_____. O léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico**. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001

BIZZOCCHI, Aldo. A distância entre língua e dialeto. In: **Língua portuguesa**, v 2, 2006 In : www.aldobizzocchi.com.br/artigo52.asp.

BLOOMFIELD, Leonhardt. **Language**. New York: Holt Company, 1993.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica**. Campinas: Pontes, 1992

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **História da Lingüística**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

CARNEIRO, Edison. **A linguagem popular na Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1951.

CARVALHO, Nelly. **O que é neologismo?** São Paulo: Brasiliense, 2011.

CASTRO, Ruy. **Estrela Solitária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **A língua jeje-mina no Brasil: um falar africano em Ouro Preto no século XVIII**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2003₁.

_____. A diversidade das línguas africanas e atitudes linguísticas no relacionamento Brasil-África. In: **Relações no Atlântico Sul: história e contemporaneidade**. Salvador: Editora UNEB, 2003₂.

_____. **Falares Africanos no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras. Topbooks, 2001.

_____. Das línguas africanas ao português do Brasil. **Revista Afroasia**. n. 14. Salvador: EDUFBA, 1983.

CASTRO, Yêda A. Pessoa de & CASTRO, Guilherme A. de Souza. **Culturas Africanas nas Américas: um esboço de pesquisa conjunta à localização dos empréstimos**. Salvador: **Afro-Ásia**, n. 13, 1980.

COSERIU, Eugenio. **Lições de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rev. e acresc. de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DURANTI, Alessandro. **Antropologia Linguística**. Trad. espanhola: Pedro Tena. Madri: Cambridge University Press, 2000.

ENCONTRO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUISTICA EM MINAS GERAIS,1., Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto, 2010 LIMA, Emanoela Cristina; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A toponímia de origem africana do Triangula Mineiro: resultados parciais do projeto ATEMIG. FALE/UFMG, UFOP. 2010.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: **O Léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 217-234.

FONSECA, Eduardo. **Dicionário Yorubá (Nagô)-Português**. Rio de Janeiro: Sociedade Yorubana Teológica de Cultura Afro-Brasileira, 1983.

GREENBERG, Joseph. **Studies in Africa Linguistic Classification**. Connecticut: Compass Publishing Company, 1955.

_____. **The Languages of Africa**. Bloomington: Indiana University, 1966.

GUIMARÃES, E. Semântica e Pragmática, In: GUIMARÃES, E. ; ZOPPI-FONTANA, M. In: **Introdução às Ciências da Linguagem: a palavra e a frase**. Campinas: Pontes, 2006.

HEINE, Bernd; NURSE, Derek. **African Languages: an introduction**. Cambridge: University Cambridge Press, 2000.

HENCKEL, Rosa Cunha. **Tráfego de palavras: Africanismos de origem banto na obra de José Lins do Rego**. Recife: Fundj. Ed. Massangana, 2005.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico**. Rio de Janeiro: Contexto, 2002.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Cândida. **O Léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 1972.

LIMA, Fernanda Barbosa. **Aspectos fonéticos, morfossintáticas e lexicais do falar de Caiana dos crioulos**. João Pessoa: PPG, 2009.

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca. A língua portuguesa em situação de contato de línguas e culturas: unidade e diversidade. In: **Interpenetração da língua e culturas de/em língua Portuguesa em CPLP**. Lisboa: Imagem Digital, 2010.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: BAXTER, Alan (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. Lisboa: Presença, 1979.

MAIOR, Mário Souto. **Dicionário do palavrão e termos afins**. 3 ed. Recife: Guararapes, 1980.

MANIACKY, Jacky. O estudo das línguas africanas: porquê é tão importante no Brasil como na África?. 2010. SEMINÁRIO INTERNACIONAL ACOLHENDO AS LÍNGUAS AFRICANAS, II., 2010, Salvador. **Anais...** Salvador: EDUNEB

MELLO E SOUZA, Marina de. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2008.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1973.

MINGAS, Amélia Arlete. **A língua como factor de identidade e identização**. SEMINÁRIO INTERNACIONAL ACOLHENDO AS LÍNGUAS AFRICANAS, II, 2010, Salvador: **Anais**. EDUNEB, 2010.

MOLLICA, M. C. (Org). Introdução à sociolinguística variacionista. **Cadernos didáticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, n.4, 1994.

MOTA, Katia. Brasil África: afinidades identitárias, novos rumos de políticas interculturais In: **Relações no Atlântico Sul: história e contemporaneidade**. Salvador: EDUNEB, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas no Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009.

POTTIER, B. **Sémantique générale**. Paris: PUF, 1992.

PRAH, Kwesi Prah. **Linguas Nacionais em harmonização**. Disponível em: <http://www.angola24.net/ver-noticia/linguas-nacionais-em-harmonizacao>. Acesso em: 27 out.2011.

PRAH, Kwesi Kwa. **Between Distiction and Extinction**. CASAS: South África, 2000.

_____. Línguas nacionais em harmonização. In.: **Angola on line**. Disponível em: http://jornaldeangola.sapo.ao/17/0/linguas_nacionais_em_harmonizacao. Acesso em: 12 jan. 2013.

PRETI, Dino. **Sociolingüística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira**. 9 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003

QUEIROZ, Sônia. **Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

RAMOS, Artur. **O folclore negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

REIS, João. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo: Madras, 1932.

ROSSI, N. **Atlas dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal da Bahia, 1963.

SANTOS, Léa Austreliana Ferreira. Dos locais onde se fala: pesquisa em educação, hibridismo e diversidade cultural no Brasil. In: **SEMENTES**. v. 5, UNEB, 2004.

SAPIR, Edward. **A linguagem**: Introdução ao estudo da fala. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1977.

SILVA, Odailta Alves. **A influência africana no português em Pernambuco**: um mergulho em Ascenso Ferreira. Recife, 2001. Disponível em: <http://pgletras.com.br/2011/dissertacoes/diss-Odailta-Alves-Silva.pdf>. Acesso em 02 out. 2012.

SILVA, Ricardo Desidério da. **Educação em ciência e sexualidade**: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre sexualidade no aluno. Maringá, 2009. Disponível em: <http://cienciaematemática.vivawebinternet.com.br/media/dissertacoes>. Acesso em: 30 jun. 2011.

SLENES, Robert. A grande greve do grande crânio do tucuxi: espírito das águas centro-africanas e identidade escrava no início do século XIX no Rio de Janeiro. In: HEYWOOD, Linda (org.) **Diáspora Negra no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 193-217.

SOARES, Jô. **O Xangô de Baker Street**. São Paulo: Editora Scwatz, 1995.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Trad. de J. A. Osorio Mateus. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1970

VILELA, Mário. **Ensino da Língua Portuguesa**: léxico, dicionário e gramática. Livraria Almedina: Coimbra, 1995.

ZAUNER, A. Die romanischen Namen de Körperteile. Eine onomasiologische studie. Romanische Forschungen. In: BABINI, Maurizio. **Do conceito à palavra**: os dicionários onomasiológicos. Vol. 58. nº 2. São Paulo. Apr./june. 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>. Acesso em: 04 jan. 2013.